INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A identidade nacional da diáspora cubana em Portugal

Fabian Riera Pons

Mestrado em Sociologia

Orientadora:
Doutora Mara Clemente, Professora Auxiliar,
Universidade de Évora

Orientador:
Doutor Daniel Cardoso, Professor Associado,
Universidade Lusófona

Outubro, 2025

Departamento de Sociologia

A identidade nacional da diáspora cubana em Portugal

Fabian Riera Pons

Mestrado em Sociologia

Orientadora:
Doutora Mara Clemente, Professora Auxiliar,
Universidade de Évora

Orientador:
Doutor Daniel Cardoso, Professor Associado,
Universidade Lusófona

Outubro, 2025

Agradecimentos

Aos meus pais e à minha avó, por terem sempre auxiliado a minha carreira académica, pela motivação nos momentos bons e nos maus, mas também por despertarem o meu interesse neste tema.

Aos meus amigos de longa data, pelas inúmeras histórias e memórias ao longo dos anos e pelas que ainda não aconteceram.

Aos amigos que fiz no Iscte, pela caminhada que fizemos juntos nestes últimos 5 anos e pelas longas horas na biblioteca e nas salas de estudo. Agora concluímos o nosso percurso, juntos como sempre.

Aos meus orientadores, Doutora Mara Clemente e Doutorie Daniel Cardoso, pela constante disponibilidade durante estes largos meses, mas também por terem acreditado neste tema desde o primeiro dia.

Aos participantes neste estudo, por disponibilizarem o seu tempo e contarem um pouco da sua história. Cada conversa motivou-me ainda mais, e o conhecimento que ganhei através das mesmas é incalculável.

Resumo

O presente estudo parte da análise de conceitos como a diáspora, identidade, identidade nacional e mobilidade, para poder encaixar numa análise mais ampla da diáspora cubana em Portugal, e compreender que processos estão presentes na construção e negociação da identidade nacional desta diáspora, bem como a análise do impacto dos discursos mediáticos e o papel que os media possam ter na mesma.

Como tal, o foco principal desta pesquisa é a análise dos processos de mobilidade da diáspora cubana em Portugal – as motivações para a sua deslocação para Portugal, as relações com o seu país de origem e a exploração das suas redes interpessoais tanto em Cuba como em Portugal. Para além disto, também foi relevante analisar o impacto dos media e dos discursos mediáticos na identidade nacional desta diáspora. Para a abordagem metodológica desta pesquisa, foram realizadas 10 entrevistas a elementos pertencentes à diáspora cubana residente em Portugal.

Desde o início deste fluxo migratório cubano para a Europa no final do século XX até aos dias de hoje, os estudos diaspóricos cubanos existem, porém, são bastante escassos em relação a Portugal. Desta forma, este estudo pretende preencher esta lacuna específica, como também contribuir para a corrente académica mais ampla de estudos diaspóricos e migratórios, não só em relação a Cuba, mas a outras diásporas globais.

Palavras-chave: Identidade, Diáspora, Cuba, Mobilidade, Media, Migração.

Abstract

This study stems from the analysis of concepts such as diaspora, identity, national identity, and mobility, in order to fit within a broader examination of the Cuban diaspora in Portugal, and to understand the processes involved in the construction and negotiation of the national identity of this diaspora, as well as the impact of media discourses and the role that the media may play in it. Accordingly, the main focus of this research is the analysis of the mobility processes of the Cuban diaspora in Portugal — the motivations for their migration to Portugal, their relations with their country of origin, and the exploration of their interpersonal networks both in Cuba and in Portugal. In addition, it was also relevant to analyse the impact of the media and media discourses on the national identity of this diaspora. For the methodological approach of this study, ten interviews were conducted with members of the Cuban diaspora residing in Portugal.

Since the late 20th century, when the Cuban migratory flow to Europe began, studies on the Cuban diaspora have existed; however, they remain quite scarce in relation to Portugal. Thus, this research seeks to fill this specific gap, while also contributing to the broader academic field of diasporic and migration studies, not only regarding Cuba but also other global diasporas.

Keywords: Identity, Cuba, Diaspora, Mobility, Media, Migration.

Índice

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO 3

2.1. Nação e a Identidade Nacional 3

2.2. Identidade 6

2.3. Mobilidade e Diáspora 8

2.4. O Papel dos Media na Identidade Nacional 10

CAPÍTULO 3 – A DIÁSPORA CUBANA NA EUROPA E NO MUNDO 11

3.1. Contextualização Histórica 11

3.2. Padrões de Migração Históricos da Diáspora Cubana 14

3.3. Diáspora Latino Americana e Cubana na Europa 15

3.4. A Identidade Nacional Cubana no Século XXI 18

3.5. Os Media num Contexto Diaspórico Cubano no Século XXI 20

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA 23

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DE DADOS 25

5.1. O Processo de Mobilidade 25

5.2. Relação com Cuba 30

5.3. Vida e Relações Sociais em Portugal 33

5.4. Usos dos Media e Relação com Cuba 37

CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO 41

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: 43

ANEXOS 47

Anexo A – Guião das Entrevistas (PT) 47

Anexo A.1 - Guião das Entrevistas (ES) 48

Anexo B – Caracterização Sociodemográfica dos Participantes das Entrevistas 50

Glossário

AIMA – Agência para a Integração, Migrações e Asilo

EUA – Estados Unidos da América

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

PIB – Produto Interno Bruto

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

UE – União Europeia

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviética

Capítulo 1 – Introdução

No ano 2023, segundo o relatório anual da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA), residiam cerca de 1.807 cidadãos cubanos e ocorreram 436 concessões de títulos de residência a cubanos em Portugal, indicando uma presença prudente destes cidadãos em território português. Apesar disto, os estudos sobre a diáspora cubana na Europa, apesar de existentes, carecem de algum foco, especialmente em relação a esta diáspora cubana em Portugal. A maior parte dos contributos académicos em relação à diáspora cubana global centram-se no período após a Revolução de 1959 e nos diferentes fluxos migratórios que ocorreram após este período. De facto, os estudos em relação à diáspora cubana e à sua formação têm-se focado primariamente nas ondas migratórias para os Estados Unidos. No contexto deste trabalho, este foco em específico é útil para entender os fatores socioeconómicos destes fluxos, bem como as diferentes gerações diaspóricas resultantes, pois muitos destes elementos serão espelhados nos padrões migratórios latino-americanos e cubanos na Europa, bem como nas experiências e memórias destas diásporas. Porém, apesar de esta abordagem histórica e ampla ser relevante e necessária para entender o início dos processos de mobilidade de qualquer conjunto diaspórico global, o presente estudo foca-se principalmente na análise dos processos e discursos presentes na diáspora cubana em Portugal, com a seguinte pergunta de investigação principal como ponto de partida: Que processos e discursos estão presentes na construção e na composição da identidade nacional da diáspora cubana em Portugal? Neste caso, a análise é feita a partir do entendimento de que a identidade nacional é um conceito fluido e dinâmico, que pode ser constantemente negociado tendo em conta as circunstâncias dos processos de mobilidade, experiências com outros elementos diaspóricos e o estabelecimento e manutenção de redes sociais transnacionais, que podem invocar símbolos ou memórias históricas coletivas.

Enquanto aos objetivos da pesquisa, um dos principais objetivos passa por entender os processos de mobilidade dos cubanos em Portugal (porque deixaram Cuba; porque vieram para Portugal; explorar relações e redes sociais com Cuba e com Portugal, os processos de mobilidade das diferentes gerações diaspóricas, entre outras temáticas); analisar o papel dos media e dos discursos mediáticos na identidade nacional diaspórica cubana no contexto português, ou seja, como é que esta variável específica é utilizada por atores sociais (i.e., a própria diáspora cubana) para influenciar a construção e negociação da identidade nacional da diáspora cubana em Portugal. Para concretizar estes objetivos foi realizada uma pesquisa empírica e foi utilizada uma abordagem metodológica qualitativa, focada na realização de entrevistas com cidadãos cubanos a residir em Portugal. No total, foram realizadas 10 entrevistas, todas elas presencialmente, a partir de um guião de entrevista semiestruturado. A seleção dos participantes foi orientada por dois critérios principais: primeiramente assegurar a representação

de ambos os géneros e um certo equilíbrio entre os mesmos, dentro do possível; e a inclusão de indivíduos pertencentes a diferentes gerações diaspóricas, distinguindo-se pelos seus anos de residência em Portugal. A identificação e o contacto com os participantes foram realizados através de redes interpessoais, recorrendo a um processo de amostragem em bola de neve entre membros desta diáspora em Portugal.

O último capítulo tem como objetivo a apresentação e reflexão dos resultados obtidos nas entrevistas, e como os participantes – as pessoas que compõem a diáspora cubana em Portugal – têm construído e/ou negociado a sua identidade nacional após o começo dos seus respetivos processos de mobilidade e que fatores possam existir para impactar este aspeto.

Capítulo 2 – Enquadramento Teórico

2.1. Nação e a Identidade Nacional

Segundo Smith (1991), os filósofos da Grécia Antiga definiram *nação* como uma comunidade de pessoas que obedecem às mesmas leis e instituições dentro de um determinado território. Nesta linha de pensamento, é impossível ignorar a influência ocidental na perspetiva global de nação. A "experiência ocidental" foi eventualmente expandida para outros territórios e deixou a sua marca em muitas conceções no resto do mundo - fora do Ocidente - mesmo que estas se tenham desviado das suas definições originais e das suas normas (Smith, 1991).

Assim, a abordagem do conceito de nação pode-se tornar difícil devido à impossibilidade de a distinguir de outras entidades, isto é, a dificuldade de caracterizar várias coletividades humanas como nação. Normalmente esta definição é acompanhada de características intrínsecas comuns como a língua, etnicidade ou até uma combinação de critérios que inclui cultura, território e história partilhada. Porém, segundo Hobsbawm (1992), características como a língua e a etnicidade, tal como o conceito de nação, são ambíguas e constantemente em mudança. Anderson (1991) encara a nação como uma *comunidade política imaginada* – uma comunidade socialmente construída. É uma comunidade imaginada porque muitos dos seus integrantes, não obstante o tamanho da comunidade, nunca irão interagir com a maioria dos outros integrantes – nunca os conhecerão. Aliás, o termo *nacionalismo* é argumentado como sendo não a autoconsciência de nações, mas sim a invenção das nações onde estas não existem (Gellner, como citado em Anderson, 1991). Assim, uma nação é imaginada como sendo limitada porque mesmo as maiores – as que abrangem bilhões de pessoas no seu máximo – têm limitações finitas e flexíveis para além das quais se encontram outras nações. Castells (2010) partilha uma visão semelhante e define as nações enquanto "comunas culturais construídas dentro da mente das pessoas e da memória coletiva através da partilha de história e projetos políticos" (Castells, 2010, p. 54).

Então, a nação deve ser abordada como um conceito multidimensional – uma população humana que partilha um território histórico, mitos comuns e memórias históricas, bem como uma economia e direitos e deveres legais comuns a todos os membros – como tal, é necessário explorar a emergência do conceito de nação, para entender melhor o conjunto de processos que a define. Voltando a Smith (1991) e ao período da Grécia Antiga, a "união" que existia nesta sociedade tinha mais caráter cultural do que político, ou seja, mesmo tendo uma das primeiras definições de nação, os próprios gregos nunca chegaram a concretizar nenhum tipo de *nacionalismo* na sua sociedade. O autor chega a argumentar que é difícil mencionar o nacionalismo antes do fim da era medieval, pois simplesmente não existia

como o conhecemos hoje - predominância de *estados étnicos*, que eventualmente se transformaram em nações através de diferentes processos e mobilizações históricas. Foi apenas nos séculos XIX e XX que os primeiros exemplos de nações modernas se tornaram predominantes, com os casos da Inglaterra, Espanha e França.

Atualmente, a nação é definida e criada pelo nacionalismo, isto é, o nacionalismo enquanto ideologia e língua e sentimento de pertença a uma nação – o nacionalismo enquanto movimento ideológico tenta atingir e manter a autonomia, união e identidade de uma nação. Porém, a importância do nacionalismo no contexto deste trabalho é o seu papel na formação da identidade nacional em específico. Neste caso, a criação de nações territoriais não foi o único aspeto em que o nacionalismo teve impacto com respeito à incidência e ascensão da identidade nacional, mas também na formação de *nações étnicas*, cuja exploração está para além desta pesquisa.

Tendo abordado o conceito de nação, para analisar a construção e desconstrução da identidade nacional da diáspora cubana, é necessário primeiro entender a identidade nacional em si, isto é, a sua definição e o espaço que ocupa no período histórico atual e os debates existentes à sua volta. Tal como foi mencionado num capítulo anterior, a identidade nacional conta com várias narrativas discursivas e critérios pré-existentes, tanto numa dimensão coletiva como pessoal, porém, tal como o conceito de *nação*, a identidade nacional é um conceito naturalmente complexo e abstrato, com uma construção multidimensional que aborda muitas esferas da vida e detém muitas combinações.

No final do século XX, o nacionalismo enquanto movimento ideológico já tinha penetrado todas as esferas sociais globais, e o mundo encontrava-se dividido entre *estados-nação* – Estados que alegam serem nações – e o que se considera como *identidade nacional* também tinha tido um papel fundamental em sustentar a soberania e as democracias em emergência (Smith, 1991). O nacionalismo e a identidade nacional tornaram-se em atores fundamentais no mundo atual devido à sua omnipresença – se existe algum fenómeno/s verdadeiramente global segundo Smith (1991), esses fenómenos são o nacionalismo e a identidade nacional. De facto, a identidade nacional não só é um fenómeno global, como também "invade" as vidas de indivíduos e comunidades de quase todas as esferas de atividade. Culturalmente, a identidade nacional pode manifestar-se através da partilha de símbolos, mitos, memórias, mas também da língua, leis e instituições. Socialmente, os laços nacionais providenciam a uma comunidade, os limites geralmente aceites que definem onde ocorrem os discursos sociais, e delimitam os *outsiders* destas interações (Smith, 1991). Wodak et al. (2009) abordam a identidade nacional como sendo "produzida e reproduzida" e "transformada e desmontada discursivamente" (p. 4). Mas também como um conjunto de conceções similares de emoções e atitudes cujos detentores desta identidade nacional partilham entre si e internalizaram através da socialização. Estes discursos descritos pelos autores centram-se principalmente na singularidade e uniformidade nacional e ignoram as diferenças nacionais.

Smith (1991) encara a *identidade nacional* como uma comunidade política, por mais ténue que seja, isto é, a partilha de instituições e códigos comuns de conduta dentro de uma sociedade está incluída nesta definição. Porém, o conceito também pode ser complicado pela dualidade do conceito de nação, explicado anteriormente (nação étnica). Megías e Moreno (2024) defendem que, para analisar a identidade nacional, é necessário abordar o nacionalismo através da sua estrutura (macro) e não a um nível micro, isto é, não é necessário descer até ao nível das práticas quotidianas.

Apesar disto, o que se entendia por estados-nação quando analisando os contributos de Smith (1991) entrou em declínio precisamente no final da última década do século XX, e a sua capacidade instrumental foi prejudicada pela globalização das atividades económicas, dos media e comunicações eletrónicas, dos protestos sociais e do crime. De facto, segundo Castells (2010), os estados-nação atualmente enfrentam três desafios: a globalização; a flexibilidade e a omnipresença da tecnologia; e a autonomia e diversidade dos media. Entretanto, outros autores como Törnberg & Uitermark (2025) consideram que o papel destas tecnologias e das plataformas digitais em geral é ainda mais pronunciado e que atualmente desempenham funções anteriormente operadas pelos Estados.

Para além disto, o nacionalismo enquanto movimento ideológico também já estava a entrar em decadência no final do século XX, segundo Hobsbawm (1992). O autor argumenta que a emergência dos movimentos nacionalistas nos últimos anos não significa que o papel principal do nacionalismo enquanto ator impactante na política não tenha diminuído. É aqui onde a globalização começa a ter um papel relevante, especialmente em relação à identidade nacional e à necessidade de analisar este fenómeno no contexto histórico atual e a sua relação com um mundo cada vez mais global.

A globalização é uma "força que redefine funções estatais e até diminui poderes de Estado", enquanto que a nação pode ser considerada como uma "identidade coletiva enraizada em símbolos, memórias e valores" (Ariely, 2012, p. 462). A globalização pode ser encarada como uma "ameaça" à identidade nacional, visto que promove o fluxo de informações através de fronteiras e isto pode dificultar a retenção de significado de qualquer identidade nacional singular, e que esta se sobreponha e se consiga distinguir das outras. Num mundo global, a habilidade de produzir e manter uma identidade nacional homogénea é desafiada pelo facto das pessoas se tornarem cada vez mais consumidores globais de bens e informação. Antonsich (2009) menciona os exemplos de algumas comunidades diaspóricas de turcos na Alemanha, paquistaneses no Reino Unido e latinos nos Estados Unidos, cujas vidas estão divididas entre dois territórios nacionais, por vezes não pertencendo a nenhum ou pertencendo aos dois simultaneamente. Neste caso, as identidades destas diásporas partilham elementos de *pós-nacionalismo* e *transnacionalismo* que transcende as definições de *identidade* e *território*. Apesar disto, Antonsich (2009) argumenta que, apesar de não existirem nenhuns sinais de declínio da identidade nacional atualmente, é possível que os significados associados com *nação* tenham mudado devido aos processos de globalização. Smith (1991) argumenta que no

mundo moderno, as identidades, imagens e culturas permanecem similarmente plurais e étnicas ou nacionais. De facto, não existe nenhuma *identidade global* a ser criada – uma possível cultura global seria naturalmente ausente de memórias na sua construção, e a existência de uma cultura sem memórias é contraditória. Qualquer tentativa de criação de uma identidade global acabaria por acentuar a pluralidade de culturas e memórias populares e locais (Smith, 1991). A continuação das identidades nacionais num mundo globalizado também aparece como uma consequência da necessidade de organizar a vida pública – a identidade nacional pode organizar o *sentimento de pertença* dos indivíduos numa sociedade, e a globalização tem feito com que este sentimento seja cada vez mais importante (Calhoun, 2007, como citado em Ariely, 2012).

Segundo Ariely (2012), muitos estudos que exploraram este tema têm tido resultados contraditórios uns com os outros, e as ambiguidades destes resultados são uma função das diferentes conceptualizações e operacionalizações da globalização. Ou seja, a implicação presumida de que a globalização está relacionada com estas dimensões e o facto de os próprios estudos medirem diferentes dimensões da identidade nacional levaram a estas conclusões diferentes. No fim, aspetos como a modernidade e a integridade política não têm tanto impacto na identidade nacional como a globalização, e a mesma não corrói tanto a identidade nacional no plano individual dos "campos" da identificação nacional ou sentimentos de nacionalismo, mas aparenta reduzir as conceções étnicas de associação a uma nação e outros aspetos como o orgulho pela pátria. Ariely (2012) conclui que ambos os lados do argumento têm de considerar a multidimensionalidade do conceito de identidade nacional, antes de inferir sobre qualquer possível impacto se o objetivo for realizar qualquer estudo sobre este tema. Não obstante, autores como Hobsbawm (1992), Calhoun (2007) e Smith (1991) argumentam que a identidade nacional consegue coexistir num mundo global. Aliás, Smith (2007) evita utilizar termos como "declínio" ao referir-se à identidade nacional no século XXI, e em vez disso defende que a mesma persiste e adapta-se constantemente em resposta a variáveis como a globalização e a modernidade, rejeitando qualquer possível impacto que estas possam ter. Portanto, é evidente que tanto a identidade nacional como o nacionalismo aparentam, pelo menos, manterem a sua presença no mundo globalizado do século XXI (Sindic, 2008).

2.2. Identidade

Identidade como um todo não pode ser entendido como um facto, mas sim como uma produção que nunca está completa, um processo sempre em movimento. Castells (2010) entende-a como um processo de construção de significados com base em atributos culturais, cuja prioridade é assentada sobre outras fontes de significado, e cujas identidades fazem parte destas fontes relevantes devido aos processos de individuação e autoconstrução associados às mesmas, ou seja, as identidades organizam

o significado – sendo este entendido como a identificação simbólica para os atores sociais da finalidade das suas ações (Castells, 2010). O autor, entre muitos outros, também argumenta a existência de *pluralidade de identidades*, tanto no plano individual como para atores coletivos. Porém, devido à identidade também ser abordada como a relação entre duas ou mais entidades de uma forma que acerta a sua igualdade ou parecença, em Wodak et al. (2009), esta definição inevitavelmente conduzirá a várias objeções, como tal, os seus vários significados têm de ser aprofundados no contexto deste trabalho.

Hall (1990) explica a identidade como algo "negociável" e como sendo dividida por dois vetores: o vetor da continuidade e semelhança, que providencia uma conexão com o passado; e o vetor da diferença e rutura, que salienta a profunda descontinuidade. Rohlinger & Sobieraj (2022), na sua análise ao papel dos media na construção social da realidade, teorizam que as relações sociais são baseadas na identidade, porém, a forma como nós estabelecemos e sustentamos essa identidade é moldada pelo processo que sustém conexões com diversos outros, dentro das pressões da vida quotidiana. Isto é, quando comunicamos com outros, partilhamos informações e aspetos das nossas vidas, estamos simultaneamente a comunicar a nossa identidade. Como será analisado mais aprofundadamente num futuro capítulo, os autores postulam que a formação e desempenho da identidade são bastante diferentes através dos media na idade digitalizada e globalizada do século XXI. Voltando a uma abordagem mais teórica, Bauman (2004) interpreta a identidade no contexto da *modernidade líquida*, ou seja, a constante mudança das estruturas sociais numa determinada sociedade. Na sua análise, a identidade acaba por se tornar menos estável e sujeita a escolhas individuais, e estas escolhas manifestam-se nas construções e procuras constantes de referências para a nossa identidade. Bauman (2004) nota a mudança de identidades não negociáveis e as suas hierarquias, que simplesmente já não são sustentáveis num mundo globalizado. O autor defende a fluidez e a flexibilidade da identidade, isto é, a identidade como algo que pode ser substituído ou negociado ao longo do tempo, e não como algo permanente e imutável. Já Goffman (1959) teorizou que a identidade é puramente performativa, ou seja, os indivíduos negociam a sua identidade de forma a encaixarem-se em contextos sociais. Tal como Hall (1990) e Bauman (2004), Goffman (1959) partilha a interpretação da identidade como algo dinâmico e completamente dependente de contextos sociais.

Assim, a identidade passa a tornar-se identidade nacional através de *narrativas discursivas* que se baseiam à volta de três eixos temporais do passado, presente e futuro. Também neste contexto, a origem, continuidade/tradição, transformação, intemporalidade e a antecipação são critérios importantes. A dimensão pessoal também é um aspeto importante da identidade nacional, especialmente pela sua relação a temas conectados com a história e cultura, mas também com temas relacionados com a individualidade, igualdade, semelhança, autonomia ou singularidade.

2.3. Mobilidade e Diáspora

Para conseguir entender as trajetórias migratórias históricas e contemporâneas, tanto das diásporas latinas como cubanas, é primeiro necessário entender o conceito de mobilidade. Em 2006, havia aproximadamente 244 milhões de migrantes no mundo inteiro, e em 2017, esses números aumentaram cerca de 44 milhões. É possível abordar a mobilidade como um processo omnipresente – algo que está presente nas vidas das pessoas a qualquer altura. Por isso, a mobilidade não tem de existir precisamente dentro dos processos migratórios – abrange muitas outras dimensões como, por exemplo, transportes, turismo, globalização e difusão cultural (Merriman, 2009). As mobilidades significam que as sociedades estão interligadas pela mobilidade das pessoas e coisas, e é um processo fundamental humano e não humano, cujas formas e razões para a sua mobilidade diferem. Os processos que fazem o mundo funcionar de forma globalizada, não obstante o tamanho desse mesmo globo, desde o turismo até à migração, desde os transportes até às comunicações, dependem de formas de mobilidade altamente irregulares. Além disso, também dependem e produzem formas de mobilidade igualmente intensas e extensas (Adey, 2017). Cresswell (2010) afirma que "mobilidade sem significado é apenas movimento", e a forma como os movimentos ganham e acumulam significado é feita através de um processo designado pelo autor como "produção de mobilidades" (Cresswell, 2010, como citado em Adey, 2017, p. 63). O autor também teoriza a existência de "constelações de mobilidades" – formações de movimentos e narrativas acerca de mobilidade historicamente e geograficamente específicas. Então, as mobilidades aparecem como um processo dividido por três partes: o movimento físico de um lugar a outro; a representação de movimento que lhe atribui significado; e a "prática vivenciada e incorporada do movimento" (p. 19). Além disto, esta conta com assinaturas políticas, sociais, culturais e económicas, e também é experienciada de forma diferente por várias pessoas, de diferentes origens, classes, riqueza, género, raça e religião – não é uma experiência uniforme. Logo, a mobilidade é sempre significativa e nunca é apenas um movimento (Adey, 2017).

A geografia é frequentemente associada a estudos de mobilidade, mais especificamente, os padrões geográficos de migração. De facto, é uma disciplina importante no contexto deste trabalho, e Cresswell (2010) argumenta que é necessário repensar o conceito de *lugar* como algo fixo, enraizado e congelado no tempo e espaço, e abordá-lo como sendo relacional, aberto ao mundo e um processo contínuo – sempre em movimento – tal como a identidade. Isto significa que os lugares são constantemente alterados através da "recolha" de materiais e movimentos (Cresswell, 2010). Após alterar esta abordagem ao conceito de lugar, é relevante argumentar a existência de lugares *translocais* – encarando-os como algo extensivo, permeável e transitório. Pessoas diferentes podem formar lugares entre os seus lugares de origem (i.e., país de origem), mas também fora dos mesmos (Adey, 2017).

No contexto deste trabalho, é também importante analisar a mobilidade no contexto das fronteiras e da cidadania. A cidadania envolve a negociação e gestão da mobilidade, porém, muitas vezes esta mobilidade ocorre através das possibilidades e limites impostos pela cidadania. Isto pode envolver situações onde a ausência de cidadania (i.e., pessoas apatriadas) leva as pessoas a recorrer a processos de mobilidade de forma forçada, ou seja, não têm o poder de mover-se, mas a necessidade de o fazer. Estes tipos de processos de mobilidade forçados são comuns em contextos de guerra ou regimes autoritários, e será necessário analisar este contexto para entender que tipo de extremos conseguem transformar um estatuto de migrante em refugiado.

Em outros casos, políticas e acordos internacionais e tratados têm vindo a alterar as dimensões de fronteiras, facilitando os fluxos migratórios globais e, assim, alterando também o conceito de cidadania. Esta *cidadania flexível* ocorre, não porque os cidadãos procuram uma fuga do seu estado-nação, mas porque o próprio Estado permitiu a emergência destas relações. Ou seja, aparecem como resposta à liquidez de capital e à permeabilidade das fronteiras, permitindo assim uma capacidade de resposta dos cidadãos à volatilidade das condições económicas e políticas no mundo global do século XXI. No fundo, a mobilidade é moldada por processos políticos e vice-versa. O mundo político – as discussões, debates e decisões políticas – define as leis que regem a sociedade. Mas a mobilidade também providencia um espaço para relações políticas e é acessada de forma diferente. Ou seja, diferentes grupos sociais e as relações entre estes fazem uma diferença na forma como acedemos a e experienciamos certas formas de mobilidade (Cresswell, 2010). Para além disto, a mobilidade possui fenómenos dependentes de si, como é o caso da diáspora.

Para efeitos deste estudo, o conceito de *diáspora* será utilizado ao invés do conceito de *comunidade*, pois uma abordagem focada na comunidade implicaria usar a sua definição que, por natureza, tende a generalizar grupos de emigrantes e eclipsar divisões internas e estratificações (Berg, 2011). Por outro lado, o conceito de diáspora pode ser entendido como uma categoria móvel global de identificação que é moldada por mobilidades em curso, ao invés de apenas englobar uma comunidade de indivíduos a residir fora do seu país de origem. Safran (1991) procura expandir o conceito para que este seja aplicado a "comunidades minoritárias expatriadas cujos membros partilham várias características" (p. 83), que o autor menciona como sendo experiências partilhadas: o deslocamento coletivo para fora do seu país de origem; a retenção de memórias, visões ou mitos em relação à sua pátria; um sentimento de alienação no seu novo país; e a idealização do seu país de origem para o qual eles irão retornar eventualmente, quando se reúnam as condições para tal. Esta última característica é partilhada por Dembicz (2020) na sua interpretação do "mito" do possível retorno ao país de origem – o anseio de algum dia poderem voltar a Cuba quando as condições se reúnam para tal – e é uma ideia que será explorada mais à frente neste trabalho. Retis (2019) atualiza esta definição, abordando o "renascimento" da noção de diáspora como qualquer tipo de dispersão que conecta experiências

transfronteiriças entre o país de origem e o país de destino. Similarmente a Safran (1991), Clifford (1994) desafia a conceptualização clássica de diáspora ao argumentar a existência de vários tipos de diáspora e diferentes narrativas associadas à mesma, bem como o facto de esta se tratar de um processo que não é ditado pelo passado. O autor também menciona a possibilidade de muitas destas diásporas não quererem voltar ao seu respetivo país de origem, assim, tornando as suas identidades em identidades múltiplas, híbridas e móveis, e não estando presas a uma ideia de uma "pátria perdida", o que também rebate o elemento de retorno muitas vezes associado com as diásporas deslocadas.

Após esta análise dos conceitos de mobilidade e diáspora, numa perspetiva macro, é importante vincular estes dois conceitos, de modo a entender a sua interdependência no contexto global atual. A mobilidade fornece a estrutura para entender a formação e manutenção das diásporas globalmente, já que, como foi mencionado anteriormente, as diásporas não são fixas e apenas caracterizadas por memórias passadas, mas como são categorias globais móveis, também são influenciadas ativamente por mobilidades de várias dimensões – económicas, sociais ou digitais. No mundo global do século XXI, as diásporas podem ser entendidas através da análise das *mobilidades transnacionais*. Na sua análise ao conceito de diáspora, Clifford (1994) expande o conceito ao rejeitar a noção de diásporas enquanto *raízes*, preferindo encará-las como *rotas globais*, enfatizando também a mobilidade neste papel, que ajuda a formar e sustentar as diásporas. Ou seja, ao associar a mobilidade com a diáspora neste contexto global atual, expande-se também esta noção de diáspora enquanto algo transnacional.

2.4. O Papel dos Media na Identidade Nacional

Após a análise da identidade nacional, bem como os debates em torno do contexto da sua existência atual, é necessário explorar o papel dos media como um elemento presente na sua formação. Neste caso seria necessário analisar, num primeiro plano, e como já foi analisado no capítulo anterior, dimensões macro como o declínio ou não da existência da identidade nacional no contexto histórico atual da globalização e modernidade; mas também é necessário mencionar que a identidade nacional também pode ser moldada por outras variáveis mais locais e micro como a religião, a idade, o estado civil ou o papel dos media. É este último tema que será aprofundado, porém, para entender o papel dos media na formação da identidade nacional e como os atores sociais envolventes utilizam os discursos mediáticos na construção e composição desta identidade nacional, é primeiro necessário entender o conceito da construção social da realidade.

Neste caso, o contributo de Berger e Luckmann (1966) é bastante importante, por exemplo, quando exploramos o conceito da relatividade social. Os autores argumentam que aglomerações específicas da realidade e do conhecimento pertencem a contextos sociais específicos e devem ser incluídas numa análise sociológica adequada a estes contextos. Isto pode ser relacionado, por exemplo,

com as diferenças nas gerações diaspóricas, tal como explicado por Berg (2007, 2011). Este contraste entre gerações revela a importância de uma análise individual de contextos diaspóricos. Por sua vez, a relatividade social acaba por introduzir a necessidade de uma análise dos processos específicos nos quais qualquer tipo de conhecimento passa a ser socialmente estabelecido como uma "realidade", num contexto específico (Berger e Luckmann, 1966).

Os media também têm um papel fundamental na construção de vidas de famílias, especialmente em relação aos papéis de género e relações de poder, porém, Hepp (2019) adverte que "a construção da família não pode ser vista isoladamente dos media apropriados pela família" (p. 134). É aqui que os media digitais têm tido uma grande influência na transformação de *famílias* para *famílias transnacionais* – permitiram novas formas de articulação na vida familiar que levaram a este fenómeno. Porém, a emergência das famílias transnacionais está associada à mediatização e ao processo da globalização já aprofundado anteriormente, com a emergência de oportunidades de mobilidade e/ou profissionais, que englobam os motivos das migrações económicas (Hepp, 2019).

Voltando ao tema da identidade mencionado num capítulo anterior, Couldry e Hepp (2022) teorizam que os processos de construção de comunidades têm sido cada vez mais diversificados com o aumento da relevância dos media, com comunidades sendo entendidas dentro do quadro das *comunidades imaginadas* de Anderson (1991). Os autores utilizam o exemplo do aparecimento das *plataformas coletivas*, onde alinhamentos de indivíduos são formados à volta de uma plataforma comum, por exemplo, redes sociais como o *Facebook* ou *Instagram*. Isto é um caso onde certos atores sociais utilizam os media enquanto ferramenta, não apenas de comunicação, mas também para a construção de significados. Ou seja, os media principalmente fazem parte das práticas que nos permitem negociar as nossas experiências sociais, mas também são uma forma de construir o "mundo".

Capítulo 3 – A Diáspora Cubana na Europa e no Mundo

3.1. Contextualização Histórica

Antes de abordar esta questão, é essencial explorar o legado colonial de Cuba para entender a criação da diáspora cubana atual e analisar a sua identidade nacional. A história de Cuba, apesar de temporalmente curta quando comparada com outros países, é bastante rica, e apesar de não existir um traçado claro entre Cuba e o seu legado colonial num sentido académico e científico, o país foi muito impactado e influenciado pelo colonialismo espanhol numa primeira instância e mais tarde pelo colonialismo americano (Burchardt & Leinius, 2022).

Durante a primeira metade do século XIX, as relações coloniais entre Cuba e o Império espanhol eram baseadas no livre comércio, extração de receita fiscal, manutenção do comércio de escravos e no comércio entre a ilha e a elite metropolitana. Porém, à medida que os mercados e a produção de açúcar foram mudando, estas relações começaram a deteriorar-se. Por exemplo, o fim do comércio de escravos na Grã-Bretanha levou a uma pressão para acabar com o mesmo no resto dos impérios espalhados à volta do mundo. Isto fez com que o preço de venda das pessoas escravizadas a partir de África aumentasse e, então, Cuba teve de concentrar a sua mão de obra escrava para o negócio mais lucrativo: as plantações de açúcar (Burchardt & Leinius, 2022).

Durante o resto do século XIX, Cuba ficou cada vez mais dependente do mercado americano para as exportações dos seus produtos e de uma maior importação de trabalhadores e imigrantes, especialmente vindos de Espanha, o que levou a uma crescente polarização social. No fim, a relação colonial com a Espanha acabou por danificar seriamente o crescimento económico de Cuba. O futuro da ilha seria marcado, para além do passado colonial espanhol, pelos problemas sociais derivados da escravatura e desigualdades que, após a abolição da escravatura em 1886, foram perpetuados pelo mercado de trabalho e nas práticas e costumes, mas também pela relação assimétrica com os Estados Unidos (Burchardt & Leinius, 2022).

Esta relação marcou a história de Cuba no século XX, pois os Estados Unidos passaram a deter uma hegemonia sobre o país, criando uma dinâmica de poder bastante desequilibrada e exploradora. Por exemplo, antes da Revolução de 1959, dois terços do comércio de Cuba eram feitos com os Estados Unidos e estes controlavam quase todos os aspetos económicos de Cuba, incluindo a sua participação como ator económico principal nas importações e exportações. Esta dependência unilateral levou a uma balança comercial negativa, porém, apesar desta constante correlação económica com os Estados Unidos da América (EUA), a Cuba que Fidel Castro herdou não era necessariamente pobre e era um dos países com maior qualidade de vida na América Latina. Porém, Cuba tinha-se tornado numa sociedade estática, e uma economia estagnante levou a uma frustração generalizada e um desejo de rejuvenescer a ilha (Kaplowitz, 2023).

A Revolução de 1959 que instaurou Fidel no poder apareceu num contexto geopolítico mais amplo da Guerra Fria e num subsequente clima de tensões entre Cuba e os Estados Unidos. Isto é exemplificado no ano 1960, quando os Estados Unidos impuseram as primeiras sanções económicas sobre Cuba, que englobariam o que se acabou por designar de *embargo* – todas as políticas de sanções económicas que visam o enfraquecimento da economia e do comércio de Cuba – e cuja implementação e repercussões ainda persistem atualmente no século XXI (Kaplowitz, 2023).

Não obstante, a economia e a sociedade cubana atravessaram mudanças dramáticas nos anos 60, após a revolução, quando o governo assumiu a tarefa de romper com o seu passado colonial. Burchardt e Leinius (2022) argumentam que o país atualmente exibe resultados mistos desta ruptura e apresenta

uma certa continuidade com este passado. Por um lado, deixou de depender da produção de açúcar como em tempos coloniais de outrora e tornou-se numa economia de serviço, onde o turismo e a exportação de vários serviços profissionais permitiram corrigir o défice da balança do comércio. Mas por outro lado, os padrões de inserção na economia global provam ser vestígios visíveis do seu legado colonial. E apesar da existência do turismo como uma mais-valia para a economia, o país ainda depende muito das importações e do envio de remessas do estrangeiro, levando a uma diversificação económica limitada e mantendo a fraqueza estrutural da economia de Cuba. Tudo isto ocorreu enquanto os Estados Unidos fortificavam e alargavam as suas sanções económicas contra Cuba ao longo dos anos. Apesar disto, nas décadas subsequentes à Revolução, o país foi sustentado positivamente pela União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) num ponto de vista económico, porém, após a queda do bloco soviético no início dos anos 90, a economia começou a entrar em declínio, exemplificado pela redução em 35% do PIB per capita, que também fez com que a taxa de fertilidade descesse neste período (Albizu-Campos, 2016). A partir de 1996, o PIB per capita começou a recuperar e, em 2020, rondava os US$ 9,6 mil, segundo a *World View Data*. Porém, estes foram os últimos dados oficiais e, após a pandemia da COVID-19 que afetou as economias globais, não existem dados concretos em relação a este indicador. Segundo os dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a esperança média no país atualmente ronda os 78 anos e contava com uma evolução positiva gradual ao longo dos anos, porém, durante os anos do COVID-19, em que chegou a descer aos 73 anos em 2021 – espelhando as tendências globais do período neste indicador – não voltou a atingir os 80 anos que detinha em 2019. Durante a segunda metade do século XX e até à atualidade, a taxa de alfabetização cubana sempre foi uma das mais altas no mundo e alvo de menção positiva por vários órgãos e entidades. Segundo o *World Open Bank Data* e outras fontes, a taxa encontrava-se em 98% em 2019. Esta taxa elevada pode ser explicada pela *Campanha Nacional de Alfabetização* levada a cabo pelo governo cubano, começada em 1961. O sucesso desta campanha é ainda demonstrado nos dias de hoje e ilustra um dos maiores sucessos das fases iniciais da Revolução cubana (Leiner, 2017). Finalmente, a população total em Cuba começou a entrar em declínio em 2016 e tem gradualmente seguido esta tendência, passando de ter 11,28 milhões em 2015 a 10,98 em 2024, segundo o *World Open Bank Data*.

Durante as décadas subsequentes à Revolução, várias ondas migratórias iriam levar a uma crescente mobilização populacional para fora do país e à criação de uma rede diaspórica espalhada pelo mundo inteiro. A história migratória de Cuba abrange vários séculos, porém, as ondas migratórias que caracterizaram a segunda metade do século XX e o século XXI terão um foco particular, pois foram estas que acabaram por "supervisionar" a criação da diáspora cubana à volta do mundo, incluindo na Europa.

3.2. Padrões de Migração Históricos da Diáspora Cubana

A primeira onda migratória ocorreu imediatamente após a Revolução de 1959 e foi caracterizada como um êxodo composto maioritariamente pela elite cubana. Uma elite cujos benefícios, não estando diretamente ligados à ditadura de Batista que precedeu a revolução, eram providenciados pela presença americana na economia de Cuba. À medida que as décadas foram passando, este primeiro grupo de exilados, com a esperança de que o governo de Castro fosse eventualmente derrubado, foi perdendo essa esperança nesse acontecimento. A segunda onda migratória predominante ocorreu a meados da década de 60, e Pedraza (2003) considera que este foi o último êxodo de exilados cubanos da classe alta, porém, a maioria da sua composição era da classe trabalhadora, como por exemplo, operários, comerciantes e trabalhadores semiqualificados. Para Cuba, este êxodo drenou o país de competências técnicas, o que danificou a sua indústria, nomeadamente, a importante indústria do açúcar mencionada anteriormente.

Possivelmente um dos fluxos migratórios cubanos mais importantes ocorreu na década de 80, no contexto de uma rara aprovação de Fidel Castro para a saída de qualquer cidadão cubano que tal o quisesse fazer. Para muitos, isto foi uma oportunidade rara e aproximadamente 125.000 cubanos deslocaram-se para os Estados Unidos, o que acabou por compor 18% de toda a população emigrante cubana (Pedraza, 2003). Os exilados cubanos desta onda migratória específica foram apelidados de *Marielitos*, devido ao facto de que saíram de Cuba através do Porto de Mariel, localizado aproximadamente a 40 km a oeste de Havana. Para estes 125.000 cidadãos cubanos, o seu objetivo principal com o processo migratório era reencontrarem-se com familiares a residir nos EUA e, logo após a sua chegada, trazer também os seus familiares que ficaram em Cuba. Porém, no final deste êxodo, o governo cubano começou a intervir e a escolher eles próprios cidadãos para se deslocarem para os EUA. Estes eram designados pelo próprio governo cubano como “escória” e a chegada destes cidadãos, muitos com passados criminosos, aos Estados Unidos acabou por iniciar uma tendência de representações mediáticas desproporcionalmente negativas da diáspora cubana no país, especialmente da geração dos *Marielitos* (Pedraza, 2003).

O aspeto das representações mediáticas é bastante importante, pois acaba por espelhar alguns dos problemas da diáspora cubana na Europa que serão explorados em breve. Enquanto que nos Estados Unidos a cobertura mediática focava-se no elemento criminal, que segundo Pedraza (2003) não era totalmente representativo da realidade – apenas 2% dos cubanos *Marielitos* eram considerados criminosos perigosos – na Europa, as comunidades latino-americanas são praticamente ignoradas pelos meios de comunicação social. Mais especificamente, segundo Retis (2019), esta população cubana exilada teve muito pouca representação nos meios de comunicação espanhóis e

constitui um obstáculo à identidade latino-americana em geral, e esta necessidade de representação, informação e comunicação é uma constante histórica.

As transformações sociais promovidas pela Revolução levaram ao aparecimento destas ondas de migração, porém, as distinções sociais da sociedade cubana pré-revolucionária foram perpetuadas também no exílio, principalmente nos EUA, que acabou por constituir a maior parte da diáspora cubana. Aqui, os grupos de exilados que constituíam a elite em Cuba – muitos deles originados das ondas migratórias iniciais – acabaram por também formar grupos com características similares nos EUA, por exemplo, mantendo a tradição de frequentar clubes náuticos tal como no seu país de origem. Entretanto, os exilados que constituíam a classe trabalhadora em Cuba foram excluídos destes grupos (Pedraza, 2003). Com a geração dos *Marielitos* também se presenciou um exemplo claro de formação de gerações diaspóricas cubanas nos Estados Unidos. Nesta altura, já se tinham passado mais de vinte anos desde a primeira onda migratória cubana para os EUA e a maioria dos que chegaram durante este fluxo eram jovens que pertenciam a uma geração diferente, cujas experiências e memórias vieram depois dos eventos revolucionários e das mudanças sociais bruscas trazidas pela Revolução. Portanto, segundo Méndez Rodenas (2007), esta foi a primeira instância em que houve um contraponto claro entre gerações diaspóricas cubanas. Enquanto que na década de 60 do século XX, nas primeiras ondas migratórias após a Revolução, a motivação principal da emigração era política, os fluxos migratórios do século XXI são caracterizados como voluntários, com fatores económicos e sociais a prevalecer sobre o resto (Dembicz, 2020).

3.3. Diáspora Latino Americana e Cubana na Europa

Tendo explorado a história dos fluxos migratórios cubanos, torna-se mais simples explicar a criação da diáspora cubana na Europa. Os fluxos migratórios na Europa provenientes da América Latina incrementaram-se significativamente na segunda metade do século XX, principalmente na década de 90, com a reversão do que anteriormente era a norma nos processos migratórios – da Europa para a América Latina. O continente europeu é o segundo continente que mais imigrantes provenientes da América Latina recebe (Bayona-i-Carrasco & Avila-Tàpies, 2020). Este novo fluxo migratório cubano nos anos 90 deveu-se principalmente à crise que o país estava a passar após a queda da URSS e do bloco soviético no Leste da Europa, e as comunidades exiladas passaram a favorecer destinos não tradicionais, como a Europa Ocidental (Krull e Stubbs, 2021; Alfonso, 2023).

Como já foi mencionado anteriormente, a Revolução de 1959 trouxe um vasto leque de transformações complexas na sociedade cubana. Desde a descontinuação do capitalismo a favor do socialismo, até ao faseamento do mesmo para uma versão mais avançada e finalmente a incorporação do país nos mercados globais neoliberais. Isto levou a que, juntamente com as ondas migratórias

discutidas anteriormente, muitos cidadãos cubanos saíssem do seu país em contextos bastante diferentes. Estas diferenças são ampliadas pelo facto de que muitos deles nunca mais voltaram a Cuba. Como tal, segundo Berg (2011), existe uma fragmentação que caracteriza a experiência diaspórica cubana. Outros autores da diáspora cubana rejeitam a ideia da mesma como um *sujeito nacional homogéneo* e preferem abordá-la como uma nacionalidade "baseada nas diferenças ao invés de semelhanças de raça e género", como é o caso de Rafael Rojas, um autor cubano exilado no México (Méndez Rodenas, 2007, p. 146).

Estudos acerca da formação da diáspora cubana em Portugal são quase inexistentes. Alguns exemplos incluem relatórios estatísticos anuais publicados pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e, após a sua extinção, publicados pelo AIMA, que detalham o número de cubanos a residir em Portugal ou a obter vistos de residência no país. Existe um estudo acerca do recrutamento de médicos cubanos por parte do governo português, cujo objetivo visava analisar as perceções destes médicos em relação ao exercício da sua profissão no estrangeiro e as diferenças profissionais que sentiam (Campos-Alves et al., 2022). Apesar da temática ser relacionada com a mobilidade de cubanos a Portugal, o estudo foca-se maioritariamente na secção da saúde e ilustra mais uma colaboração entre dois países para colmatar escassez profissional.

Portanto, não se pode comparar a formação desta diáspora em Portugal à formação da diáspora em Espanha, por exemplo. Porém, é possível analisar a atualidade das diásporas nestes dois países devido às semelhanças geográficas e políticas, auxiliadas pela facilidade na comunicação interdiaspórica providenciada pela *Internet*. Voltando ao contributo de Berg (2011), a autora explora as mudanças geracionais e a identidade da diáspora cubana residente em Espanha, ou seja, até que ponto é que as memórias de Cuba são nacionalizadas e que tipo de país é que a diáspora cubana imagina. Esta análise geracional da diáspora é muito importante, pois permite diferenciar cidadãos cubanos que saíram do seu país em diferentes períodos. Por exemplo, várias gerações de uma família podem pertencer à mesma geração diaspórica se estes saírem de Cuba ao mesmo tempo. Porém, um certo grupo de pessoas em que todas tenham a mesma idade pode pertencer a gerações diaspóricas diferentes (Berg, 2007). Berg (2011) analisa estas diferenças diaspóricas geracionais afirmando que muitos dos que saíram de Cuba nos anos 90 têm uma memória mais negativa do que a geração que saiu imediatamente após a Revolução, devido ao facto de que estes viveram durante o *Período Especial*,[1] que constitui a principal referência narrativa desta geração mais nova de exilados cubanos. Contudo, segundo o estudo de Berg (2011), as gerações mais velhas tendem a encarar as mais novas como "menos cubanas", pondo a sua nacionalidade em causa devido ao que elas atribuem como uma

[1]Um período que se iniciou nos anos 90, após a queda da URSS e do Bloco do Leste, que foi marcado pela constante escassez e pelo racionamento de comida, bem como por cortes de eletricidade frequentes.

experiência de vida "diluída e contaminada" pela sua exposição ao governo revolucionário cubano pós-revolução (p. 9). Esta interpretação histórica através de gerações no caso cubano não é um fenómeno recente.

As memórias da diáspora cubana são importantes quando as analisamos sob o quadro de Safran (1991) analisado num capítulo anterior. O mito do *retorno ao país de origem* mencionado pelo autor é algo presente nesta diáspora como já tinha sido mencionado acima. Segundo Méndez Rodenas (2007), tal como com outras diásporas à volta do mundo, este "sonho" é cada vez mais caracterizado como uma "jornada de recuperação incompleta e parcialmente falhada" (p. 148) – um desgaste na ideia de que algum dia poderão voltar ao seu país – mas que também levou à erosão da "noção de identidade nacional" de gerações cubanas migratórias passadas (p. 146). Este impasse – esta impossibilidade – de retorno ao país de origem acabou por se tornar uma característica principal da diáspora e da identidade coletiva cubana, especialmente quando comparada com outros grupos hispânicos (Méndez Rodenas, 2007).

Apesar das diferenças internas da diáspora cubana ilustradas anteriormente com a diferença nas perspetivas e memórias em relação ao seu país, Duany (2007) menciona o fortalecimento das relações familiares entre a mesma e as pessoas que ainda vivem no país, especialmente devido ao envio de remessas que ainda é popular atualmente. Estas relações transnacionais oferecem uma nova perspetiva da diáspora cubana, apesar de esta relação ser bastante mais restrita do que outros grupos migratórios como Porto Rico e a República Dominicana. De qualquer forma, para entender a diáspora no seu processo histórico, é necessário entender que esta evoluciona constantemente e muitas vezes opõe-se a entendimentos hegemónicos de pertença, possibilitando a análise de discursos contrastantes de exilados cubanos sem colocar em causa a sua identidade ou sentimento de pertença.

Na Europa, a presença migratória cubana foi especialmente sentida nos países do Sul, como a Espanha, a Itália e Portugal, fruto das demandas laborais de vários setores económicos. No caso da Espanha, existiu um incentivo a esta imigração traduzido numa facilidade burocrática de entrada no país e nos subsequentes processos de regularização da legalização. De facto, a Espanha consolidou-se como o principal investidor de Cuba na Europa Ocidental pós-1989, promovendo a cultura cubana durante uma época em que a própria estava a passar por uma transição interna. Mas também facilitaram a sua própria transformação num país de *transição migratória*, ou seja, não só se tornaram num destino, mas também num posto de paragem para outros países da União Europeia (UE) ou até mesmo dos Estados Unidos e outras partes do mundo, devido às vantagens burocráticas da cidadania europeia. Porém, outro motivo que não pode ser ignorado foi o estabelecimento de processos mais estritos de imigração nos EUA como consequência dos ataques terroristas do 11 de setembro de 2001, que levou a uma mudança de destinatários preferidos por parte das pessoas da América Latina. Com a exceção dos Estados Unidos, a Espanha conta com a maior população de imigrantes cubanos do

mundo, com aproximadamente 56.734 habitantes a residir no país em 2009. Berg (2011) detalha a aglomeração de famílias e gerações cubanas, ou descendentes, em Espanha: a geração que saiu de Cuba aquando da crise do Período Especial nos anos 90 - rotulada de traidores pelo governo cubano - rejeita o nacionalismo do governo do país que deixou. Inicialmente saíram de Cuba na procura de melhoria material nas suas vidas e esperavam um dia voltar. Em Espanha, este grupo de emigrantes encontra companhia e camaradagem em grupos de amigos formados por compatriotas, que também saíram de Cuba nos anos 90. De facto, as três gerações de emigrantes cubanos discutidas anteriormente: os exilados; *Marielitos* e os emigrantes dos anos 90 têm bastante pouco em comum entre si. As experiências e memórias das três gerações foram moldadas por períodos formativos bastante diversos em Cuba (Krull e Stubbs, 2021). Berg (2011) menciona a sua criação como um resultado de uma mobilização constante de famílias ao longo das décadas e conclui, afirmando que a diáspora cubana em Espanha é um exemplo das relações complexas entre nacionalismos exclusivos e as diásporas que estes produzem. Assim, esta é bastante diferente da diáspora cubana formada nos EUA, discutida anteriormente, pois incorpora diferentes histórias, conexões e ruturas entre pátria e diáspora.

Atualmente, a emigração já não é encarada simplesmente como uma estratégia de sobrevivência de indivíduos, famílias e redes de amigos na sociedade que optaram como resposta, por exemplo, à crise dos anos 90. Atualmente, a decisão de sair de Cuba perdeu o seu estigma político e social e é aceite como uma abordagem pragmática da vida (Krull e Stubbs, 2021). Porém, a criação de uma possível identidade nacional cubana na sua diáspora é complicada devido a uma combinação de fatores: o seu passado colonial e o vasto número de ondas migratórias criaram uma deslocação e mobilização contínua da sua população, fragilizando os laços e as memórias com o seu país de origem, bem como fragmentando a diáspora cubana, especialmente entre gerações. Por outro lado, a existência da diáspora cubana na Europa vem trazer um novo conjunto de pluralidades de *cubanidade* que servem como contraponto ao eixo emigrante predominante Cuba-Estados Unidos (Krull e Stubbs, 2021).

3.4. A Identidade Nacional Cubana no Século XXI

Após a introdução ao conceito de identidade no respetivo capítulo e a exploração das suas respetivas dimensões, é necessário analisá-la, primeiro num contexto de Cuba enquanto país e subsequentemente em relação à diáspora cubana europeia e global. Beltran (2010) analisa a criação de identidade e sentimento latino em geral como algo que carece de estrutura, mas que pode ser unido por aspetos culturais ao invés de ideológicos, ou também regionais ao invés de partidários. Neste caso, a identidade é composta por uma mistura de fé, doutrina e sensibilidade e Beltran (2010) resume a

identidade latina como uma *união* que implica poder político e reconhecimento, ou seja, o "sonho" de que algum dia a agência e a vontade latina sejam demasiado grandes para serem ignoradas como no passado. Porém, o autor conclui ao mencionar que é necessário um melhor entendimento político de identidade no caso latino: um que reconhece a especificidade.

No caso cubano, Méndez Rodenas (2007) explora uma crise na identidade cubana ao tentar entender até que ponto é que os discursos nacionalistas promulgados pelo governo revolucionário cubano ainda se aplicam atualmente e até que ponto é que estes foram prejudicados pelo deslocamento em massa da população cubana ao longo das décadas. Segundo a autora, existem sentimentos perpétuos de alienação no país adotivo e uma sensação de pertença ao país de origem, juntamente com a ânsia de um possível retorno – que se distancia cada vez mais. Como já foi explorado anteriormente, esta visão imaginada da comunidade cubana é uma característica central da identidade nacional desta diáspora, que acaba por juntar diferentes grupos de exilados cubanos separados pelo tempo e espaço (Méndez Rodenas, 2007). Neste caso, a identidade nacional cubana enfrenta o dilema da questão da sua formação, ou seja, será que a identidade ainda pode ser definida por território e língua? López (2018) argumenta que à medida que os processos migratórios cubanos evolvem, a identidade cubana – o *ser cubano* – tornou-se meramente performativa, interligando-a com a noção da *identidade performativa* anteriormente teorizada por Goffman (1959). Outro aspeto a ter em conta é que, para muitos integrantes da diáspora cubana, a sua única forma de reter algum tipo de *cubanidade* é através de memórias da infância. Ou seja, muitos cubanos apresentam sentimentos de rutura, perda e descontinuidade que são constantemente exacerbados pela decisão de não voltar a Cuba – um elemento constante na literatura diaspórica cubana (López, 2018).

Assim, a identidade nacional cubana na diáspora residente em Portugal pode abranger uma panóplia de elementos que incluem desafios como a manutenção dos laços com Cuba, dificultada pela distância física, mas também emocional e psicológica que é construída ao longo dos anos – tudo isto engloba a manutenção dos laços sociais. Porém, também incluí elementos de manutenção de relações políticas, económicas e culturais, tanto em Cuba como em Portugal após a sua chegada. No caso cubano, e como já foi mencionado anteriormente, a diáspora cubana atualmente procura, através de ferramentas digitais, uma interligação entre si e amigos/familiares. Este é um elemento facilitado pela emergência do conceito das *diásporas digitais* de Brinkerhoff (2009), que será explorado em breve, porém, é principalmente abordado através do envio de remessas financeiras periodicamente, criando e mantendo uma *relação transnacional* entre a diáspora e o seu país de origem (Brandhorst, 2023). Apesar destes aspetos não entrarem tanto no mundo político ou até cultural (no sentido das histórias e memórias partilhadas), pode ser um aspeto relevante na identidade nacional no sentido em que fortalece os laços sociais e económicos com a nação. Outros elementos como experiências e discursos partilhados, práticas e costumes culturais, xenofobia no país de chegada, patriotismo e a nostalgia

enquanto ferramenta de retenção da *cubanidade* mencionada anteriormente estão presentes na diáspora cubana global e serão alvo de exploração metodológica no contexto diaspórico cubano em Portugal.

3.5. Os Media num Contexto Diaspórico Cubano no Século XXI

Tendo anteriormente entendido os media enquanto ferramentas de construção e atribuição de significados ao mundo, também é importante entender o seu uso num contexto diaspórico cubano no século XXI. Brinkerhoff (2009) introduz o conceito de *diásporas digitais* – aglomerações diaspóricas que utilizam recursos digitais para se manter em contacto, tanto com outros membros dessa ou outras diásporas, como também com familiares ou amigos do seu país de origem. E voltando ao conceito das *famílias transnacionais* de Hepp (2019), é possível entender como os media digitais, juntamente com processos como a globalização, possam ter influenciado a emergência destas diásporas digitais.

Já é entendido que a Internet faz parte de um conjunto de novas ferramentas digitais que permitiram a emergência de uma nova dimensão de conexão global. Por vezes, o processo migratório pode causar medo ou desconfiança para os seus membros diaspóricos, especialmente para as atividades formalizadas. Porém, a Internet permite que diásporas geograficamente dispersas possam conectar-se e criar laços – criando também um sentimento de entendimento mútuo. Para muitos integrantes de diásporas, a Internet é essencial na manutenção de valores e costumes, por exemplo, a religião (Brinkerhoff, 2009). Segundo Brinkerhoff (2009), muitas gerações antigas diaspóricas utilizam a Internet exclusivamente para conectar-se com outros elementos da diáspora ou para estender a sua rede social externa, isto é, fora do mundo digital, enquanto que as gerações mais novas tendem a conectar-se exclusivamente *online*. De qualquer das formas, é importante reforçar a noção de que as diásporas utilizam a Internet e as redes sociais para expressar as suas identidades híbridas, mas mais relevante ainda, muitas identidades são "obscuras" ou largamente dispersas, e a sua sobrevivência depende quase exclusivamente dos esforços das suas diásporas dispersas, que utilizam a Internet para sustentá-las (Brinkerhoff, 2009, p. 50).

Entrando num contexto diaspórico cubano, os media, mais especificamente a imprensa, têm um papel fundamental na construção de conhecimento e atribuição de significados desta diáspora, e este conhecimento contribui para a formação de noções de identidade. A imprensa pode ser utilizada, numa abordagem diaspórica, para validar a relação dos emigrantes com o seu passado e futuro. Assim, a construção de conhecimento através dos media representa um processo contínuo que também influencia a formação de identidades (Alfonso, 2023). No caso cubano, Alfonso (2023) analisa a diáspora em Londres, ao invés da panóplia de estudos que exploram o contexto diaspórico cubano nos Estados Unidos. E apesar de terem originado no mesmo território, estas diásporas diferem na sua

trajetória e composição, porém, neste caso será mais relevante analisar o papel e a influência dos media na mesma.

Como já foi mencionado anteriormente, os media que são utilizados para produzir certas identidades culturais ou promover a formação de comunidades num contexto diaspórico têm ganho relevo no mundo digital atual. Para além da sua influência na identidade nacional, como também foi analisado num capítulo anterior, estes também são responsáveis não só pela representação do país de origem, mas pela forma como as diásporas se identificam a si mesmas. Voltando à linha de pensamento das famílias transnacionais de Hepp (2019), os media também fazem parte das ligações transnacionais diaspóricas, ou seja, podem ter influência no fortalecimento ou enfraquecimento de "lealdades" com o país de origem ou o país novo (Alfonso, 2023, p. 67). Um exemplo disto é o facto de que alguns estudos diaspóricos têm argumentado que imigrantes costumam aceder a mais canais televisivos do seu país de origem do que do país onde residem atualmente (Christansen, 2004, como citado em Alfonso, 2023). Porém, no caso cubano, estas dinâmicas podem ser dificultadas pelos diferentes tipos de meios existentes em torno de Cuba. Salazar Navarro (2017) identifica os meios de comunicação sociais produzidos dentro do país e que são "controlados diretamente pelos agentes e instituições reguladores do Estado cubano" (p. 43). Estes meios são frequentemente designados como *meios oficiais*, e o autor identifica três meios oficiais tradicionais: o diário *Granma*, o órgão oficial do Partido Comunista Cubano; o diário *Juventud Rebelde;* e o semanário *Trabajadores*. Enquanto a canais televisivos, o mais relevante historicamente tem sido *Cubavisión*, o único órgão de comunicação deste tipo que também é transmitido a nível internacional.

Existem outros meios que abrangem o conjunto mais amplo de meios de comunicação social cubanos. Henken (2011) designa-os como *independentes*, isto é, "independentes tanto do governo cubano como do governo norte-americano e dos grupos de exilados cubanos em Miami, e de todos os programas que financiam direta e indiretamente. Independente de qualquer partido político, organização ou movimento" (p. 101). Muitos destes meios operam fora de Cuba e tendem a ir em contra das ações e narrativas do governo cubano e, segundo Henken (2011), consistentemente obtêm a confiança de grande parte da diáspora cubana a nível global.

Segundo Henken (2011), também existem meios independentes dentro da ilha, na forma de *bloggers* – também categorizados como jornalistas independentes – de "todas as tendências ideológicas" (p. 90). Devido à natureza do seu trabalho e à sua localização dentro de Cuba, estes *bloggers* indicaram ter receios em relação a uma possível categorização de *oficialistas* – um termo utilizado para designar meios ou pessoas que difundem narrativas a favor ou utilizadas pelo governo cubano. O trabalho destes indivíduos surgiu num período de crescente polarização e é dificultado tanto pelo bloqueio imposto pelos EUA a Cuba como também pelo próprio bloqueio interno do governo cubano a qualquer meio de comunicação social ou atividade de reportagem jornalística interna que

não é compatível com as suas narrativas (Henken, 2011). Apesar de ser relevante para descrever e ampliar o conceito dos meios independentes, este último caso de estudo em relação aos *bloggers* cubanos pode, ou não, ser irrelevante devido ao facto de que nos últimos anos, em conjunto com a própria evolução e adaptação dos meios de comunicação na *Internet*, a própria composição destes meios independentes também tem sofrido alterações. Atualmente estes meios apresentam-se maioritariamente nas redes sociais ou em websites designados, com alguns exemplos notórios como o *ElTOQUE*, *Cubadebate*, *ADNCuba* ou *Cibercuba*, e são facilmente acessíveis pela diáspora cubana global.

Atualmente, a maior parte destes meios ainda se encontram exilados de Cuba, muitos nos Estados Unidos, mas também alguns foram surgindo em países europeus como a Espanha, novamente, devido à presença de uma diáspora cubana significativa no país. Muitos destes meios dependem financeiramente de terceiros, principalmente de organizações estrangeiras. Naturalmente, estes meios recebem uma certa quantidade de críticas, normalmente originadas em Cuba, não à existência dos mesmos, mas sim ao conteúdo que é financiado e a quem realiza este financiamento (Acosta Rodríguez, 2020). Estas críticas têm uma certa validade, especialmente devido à existência de casos onde o financiamento por parte do governo americano ou de entidades americanas a certos meios de comunicação cubanos "independentes" e exilados foi provado. Um exemplo contemporâneo e relacionado a meios digitais foi o da rede social *ZunZuneo*, que se apresentava não só como uma rede social, mas como um projeto humanitário que visava conectar cidadãos cubanos dentro de Cuba. Porém, a realidade é que esta rede foi secretamente criada e financiada pelo governo americano, com o objetivo de "renegociar o balanço de poder entre o Estado e a sociedade" em Cuba (Torres, 2014, p. 1). Casos como este colocam em dúvida a transparência que alguns destes meios apresentam frente ao seu público-alvo, dentro ou fora de Cuba.

Todos estes meios explorados juntam-se para formar um *universo simbólico* da população cubana, mas também da extensa diáspora cubana à volta do mundo (Salazar Navarro, 2017, p. 44). Como tal, esta diversidade de meios leva inevitavelmente a uma espécie de paradoxo nos debates em relação a Cuba, onde a realidade é bastante complexa e muitas vezes não é compatível com a realidade que muitas pessoas constroem através dos media e dos discursos consumidos através dos mesmos. Também é complicado pela falta de transparência de muitos meios supostamente independentes em relação ao financiamento.

Salazar Navarro (2017) oferece uma reflexão final neste tema, combinando aspetos mediáticos com a sua interpretação da diáspora cubana atual. O autor entende a possibilidade de Cuba se tornar num país onde exista uma relação direta entre a produção de sentidos e a politização dos cidadãos e entre o acesso mediático e o acesso ao que é "público". Mas também a atualidade de uma diáspora cubana que "sonha" com o seu país de origem – o país que deixou – e que algum dia poderá fazer parte

do seu “tronco vital” (p. 48). Estes últimos aspetos, entre muitos outros, serão alvo de análise nos próximos capítulos metodológicos.

Capítulo 4 – Metodologia

Tendo em conta a seguinte pergunta de investigação deste estudo: Que processos e discursos estão presentes na construção e na composição da identidade nacional da diáspora cubana em Portugal? Para este capítulo é importante recorrer à mesma tendo a noção de que permite orientar e delimitar o estudo em geral, mas também serve como ponto de partida para a análise metodológica, especificamente, para a escolha dos métodos de recolha e análise de dados. Dito isto, foi necessário efetuar uma metodologia de ordem qualitativa para esta pesquisa, devido à necessidade de aprofundar o significado destes processos presentes na diáspora cubana e entender como se relacionam com a sua identidade. Na maioria das pesquisas sociais de ordem qualitativa, as entrevistas são o método mais utilizado por investigadores e permitem às pessoas atribuírem significado a construções e fenómenos através da linguagem e interação (Gubrium et al., 2012). Ou seja, têm como objetivos principais a criação de significados e derivar interpretações, e não a procura de informação já existente (Gubrium & Holstein, 2001). Segundo Brinkmann (2022), as entrevistas semiestruturadas são o método mais difundido nas investigações das ciências sociais, pois fazem melhor uso do potencial existente nos diálogos e interações sociais, isto é, permitem inferir em certos aspetos ou elementos que sejam mais importantes para o investigador. Mas também permitem ao investigador ter um papel fundamental na produção de conhecimento, em vez de se orientar apenas por um guião de entrevista pré-definido (Brinkmann, 2022). Para os participantes, as entrevistas permitem um ambiente mais acolhedor à reflexão e introspeção do que se estivessem, por exemplo, num ambiente grupal, onde por vezes podem ter receio de expressar alguma opinião ou podem ser influenciados ao decorrer dos grupos focais. Segundo Gubrium et al. (2012), as entrevistas individuais também são apropriadas quando queremos focar-nos nas experiências individuais de cada participante, ou seja, no caso desta pesquisa, os discursos que fazem parte da identidade nacional da diáspora cubana, bem como os processos que a originam. Como tal, as entrevistas individuais foram selecionadas como o método mais apropriado para a recolha de dados, porém, com a consciência da existência das suas eventuais dificuldades e limitações. Estas dificuldades aparecem principalmente na forma em que as respostas podem ser alteradas pelos participantes – é bastante comum os entrevistados “embelezarem” as suas respostas em função da preservação da sua autoimagem, ou para “impressionar” o entrevistador (Gubrium et al., 2012, p. 244).

Então, para a recolha dos dados foram realizadas 10 entrevistas, com uma atenção especial em relação aos critérios relacionados com a representação entre géneros e o tempo de residência em

Portugal. Seguindo o exemplo diaspórico cubano em Londres explorado por Alfonso (2023), considerou-se a possibilidade de existirem várias diferenças entre os cidadãos cubanos que chegaram a Portugal após a pandemia da COVID-19, ou seja, nos últimos 5 anos, e os que chegaram há mais de 20 anos, por exemplo. Para além de ser possível construir uma trajetória da vida deles, também é possível abordar a questão das gerações diaspóricas teorizada anteriormente. Portanto, dos 10 entrevistados, 6 pertencem à geração diaspórica mais recente, enquanto 4 fazem parte de uma geração que já reside em Portugal há 5 ou mais anos. Este último grupo é o mais heterogéneo, pois conta com dois jovens de 19 e 20 anos e duas pessoas com 52 e 53 anos.

Para encontrar participantes para as entrevistas, numa primeira instância foram utilizadas conexões interpessoais próprias, ou seja, através da ajuda de amigos e familiares. É importante mencionar que, apesar destes auxílios, foi necessário que os participantes das entrevistas fossem desconhecidos da minha parte, para a existência de qualquer conflito de interesse ou implicações éticas pelo acesso à informação privada. Também foi aproveitada a colaboração dos próprios entrevistados para estabelecer conexões com outros membros da diáspora cubana para participarem nesta pesquisa, assim alargando a rede de alcance deste projeto, anteriormente limitada pelas minhas próprias conexões. Em relação à localização das entrevistas, a sua realização consistiu em locais familiares aos entrevistados, por exemplo, os locais de trabalho ou até algum espaço público em que eles se sintam confortáveis.

Enquanto à preparação para as entrevistas, esta constou na construção de um guião de entrevista semiestruturado, em espanhol, língua em que as entrevistas foram realizadas. Durante a realização destas entrevistas, por vezes houve a possibilidade de não utilizar tanto certas perguntas no guião, mas sim desenvolver novas quando a entrevista o exigiu, e as próprias perguntas que constam no guião foram encaradas como meras sugestões em alguns casos. Enquanto à proteção dos participantes, apesar de não ter previsto que houvesse muitos riscos associados à participação nesta investigação, o pseudonimato foi preservado para todos os participantes, mesmo que estes não tivessem nenhuma objeção quanto à sua identidade ser revelada. Isto pode ter permitido uma maior taxa de participação, encurtando também o tempo de recrutamento, mas mais importante ainda, pode ter levado a uma maior probabilidade de os participantes não terem omitido informações revelantes para a pesquisa. Juntamente com as entrevistas, cada participante assinou um consentimento informado para salvaguardar a confidencialidade e a proteção dos seus dados pessoais, bem como a autorização para gravar as entrevistas, que todos os participantes deram permissão para tal. Antes do começo das entrevistas, os participantes foram informados destes elementos, mas também do facto de que, devido à natureza desta investigação, não existem perguntas “certas” ou “erradas” (Brinkmann, 2022, p. 14) – o objetivo principal foi a obtenção das suas experiências e discursos ou narrativas para derivar significados.

O guião das entrevistas, que se encontra em anexo, baseou-se numa divisão em quatro blocos: o processo de mobilidade da diáspora cubana; relações com Cuba; vida e relações sociais em Portugal; impacto que o consumo de media e os respetivos discursos derivados do mesmo possam ter na diáspora cubana e na manutenção da sua identidade nacional.

Separadamente do guião de entrevistas, foi também construído um quadro a caracterizar a amostra deste estudo, maioritariamente composto com dados de caracterização sociodemográficos, cujos critérios já foram mencionados anteriormente. Isto permitiu uma análise de conteúdo das entrevistas *a posteriori*, na interpretação dos dados e resultados que permitiu obter significados, mas também comparar as experiências dos entrevistados. Esta análise foi auxiliada pelo recurso às gravações e transcrições de cada entrevista, apenas possível com a autorização dos participantes. As transcrições em específico serviram como base fundamental para a análise de dados, que será explorada no próximo capítulo.

Capítulo 5 – Análise de Dados

5.1. O Processo de Mobilidade

Após a realização das 10 entrevistas, foi necessário realizar uma análise de conteúdo e reflexão sobre as diferentes temáticas e dimensões abordadas, que se encontram listadas na seguinte tabela:

Tabela 1 – Principais temas e subtemas

Temas	Dimensões
5.1. Processo de mobilidade	Motivações para a saída de Cuba; Escolha de Portugal; Experiências iniciais em Portugal;
5.2. Relação com Cuba após a saída	Manutenção de laços familiares e afetivos; Viagens e visitas a Cuba; Ideia de retorno; Sentimento de pertença e distanciamento
5.3. Vida e relações sociais em Portugal	Relações com outros cubanos; Relações com portugueses; Diferenças entre relações em Cuba e relações em Portugal
5.4. Usos dos media e relação com Cuba	Comunicação com familiares e amigos em Cuba; Tipos de media e consumo de informação sobre Cuba; Narrativas reproduzidas através dos media

Nota: Tabela elaborada pelo autor com base na análise qualitativa das entrevistas (2025).

O primeiro bloco inicia com a exploração das memórias do país de origem dos entrevistados após o momento de saída. Devido à natureza desta pergunta, mas também aos grupos etários e às gerações diaspóricas dos entrevistados, as respostas foram variadas. Os três entrevistados mais jovens, de idades entre 18 e 20, pertencem a gerações diaspóricas diferentes. Dois emigraram cedo na sua infância, pelo

que as suas memórias de Cuba são ofuscadas pelas memórias em Portugal. Neste caso, esta primeira pergunta não teve tanta importância. A outra entrevistada deste grupo etário emigrou com 16 anos, portanto, encontra-se a residir em Portugal há 2 anos e conta com várias memórias de Cuba. De resto, alguns entrevistados, mesmo de gerações diaspóricas e grupos etários diferentes, mencionaram o próprio período de infância:

> *"Quiere decir que en el año 89, aproximadamente, todo lo que para nosotros parecía normal (…) todo fue por abajo"* – Homem, 53 anos. Reside em Portugal há 22 anos.

Enquanto outros optaram por relatar a sua situação mesmo antes da sua saída de Cuba, que também serviu como motivação para a sua eventual saída do país, salientando por exemplo, o contexto profissional onde se encontravam aquando da sua saída do país:

> *"Antes de salir, lo último que recuerdo de Cuba es el constante trabajo. La última etapa mía en Cuba fue básicamente una etapa en la cual yo y mi actual esposa era constantemente trabajar"* – Homem, 28 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Ainda dentro deste bloco incluíram-se as perguntas em relação às expectativas em relação ao processo de mobilidade, onde os entrevistados maioritariamente responderam que procuraram satisfazer, em primeiro plano, as matrizes na sua vida profissional e depois a sua vida pessoal. Seguindo esta linha, 3 dos 5 entrevistados adultos que chegaram a Portugal nos últimos 5 anos fizeram-no através do Visto de *Procura de Trabalho*, concedido pelo governo português. Um entrevistado respondeu que o fluxo migratório de cubanos para Portugal recente foi criado devido a este visto[2]. 4 dos 10 entrevistados mencionaram que a sua ideia original era deslocar-se até Espanha e residir no país, porém, devido a circunstâncias burocráticas, acabaram por optar por Portugal. Em específico, um entrevistado de 27 anos que reside em Portugal há cerca de um ano e meio mencionou que Espanha rejeitou a sua visa:

> *"(...) el primer país fue España porque es el que más se parece a Cuba. El mismo idioma y todo (...) Primero apliqué la visa a España y España la negó. Después apliqué una visa para acá de Nómada Digital. Y Portugal dijo que sí y vine para acá. Y el plan era estar aquí un año, dos años y después ir para España, pero por ahora me quiero quedar aquí"* – Homem, 27 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Uma entrevistada, que reside em Portugal há apenas 1 ano, mencionou que já trabalhava na empresa (portuguesa) quando residia em Cuba, e então foi essa oportunidade profissional, juntamente com o Visto de Procura de Trabalho que lhe permitiu deslocar-se até Portugal:

> *"Entonces yo ya en este caso a los 49 decidí dar el salto a Portugal, porque mantenía el vínculo laboral con (empresa portuguesa) (...) Portugal sacó una visa de 'procura de trabajo' (...). Yo me*

[2] Visto de Procura de Trabalho: titular emitido pelo governo português que permite a procura de emprego num período válido por 120 dias.

> *presenté a esa visa y me fue aprobada, y yo sabía que cuando llegara aquí y yo iba a continuar trabajando (…) Pero bueno, la oportunidad no fue para España, fue hacia Portugal, y bueno, fue aquí que me abrió las puertas"* – Mulher, 50 anos. Reside em Portugal há 1 ano

Esta experiência não foi exclusiva à geração diaspórica mais recente, já que uma entrevistada que reside em Portugal há 22 anos mencionou que, entre outros fatores como a oportunidade profissional, já tinha realizado os trâmites legais em Portugal, e mudar-se para Espanha teria significado ter de voltar a realizá-los:

> *"(...) la opción era venir a trabajar a Portugal y eventualmente ir para España (...) O sea, hacer un tiempo en Portugal, estabilizar un poco y ir para España en cuanto se presentara la primera oportunidad. También ya habíamos trabajado en empresas en España. Con lo cual, la intención que teníamos era para España porque ya sabíamos cómo era trabajar en España. Y después, además de los trámites, nos gustó (...) Inicialmente Portugal era algo transitório"* – Mulher, 51 anos. Reside em Portugal há 22 anos.

Um entrevistado também já citado anteriormente, que reside em Portugal há 22 anos, divergiu um pouco desta tendência, mencionando que não tinha nenhuma oportunidade iminente profissional em Portugal e que apenas decidiu sair de Cuba, pois o conceito de imigrar era uma motivação pessoal dele há muito tempo. Também ofereceu uma reflexão interessante dentro desta questão, afirmando que, apesar da existência de uma diáspora cubana global extensa, os próprios cubanos não são muito "propensos" a imigrar:

> *"Porque yo creo que de forma general, apesar de que somos muchos los cubanos emigrantes, yo creo que de forma general los cubanos no somos propensos a la emigración, o sea, no nos gusta emigrar"*

Portanto, pode-se afirmar que o percurso de mobilidade da geração diaspórica cubana mais recente se criou, maioritariamente, através de Vistos de Procura de Trabalho emitidos pelo governo português. Ou seja, esta *facilidade burocrática* de entrada a Portugal em comparação com a Espanha levou à criação dos fatores que permitiram a chegada destas pessoas a Portugal. Entretanto, a geração diaspórica mais "distante" veio para Portugal, primeiramente, devido a motivações económicas e profissionais. Em alguns dos casos, foram recrutados por empresas portuguesas, enquanto que outros já trabalhavam numa empresa de forma remota.

Dentro da pergunta das experiências após a chegada a Portugal, um elemento que surpreendeu nas entrevistas foi a divisão no número de entrevistados na questão da barreira linguística, algo que previamente ao começo das entrevistas tinha previsto que fosse constituir talvez a dificuldade mais prominente e um tópico mais relevante na investigação - acabou por não o ser. Uma entrevistada mencionou que, apesar de ela não falar português, mencionou que os portugueses "esforçam-se" por entender o espanhol:

"(...) entonces tú le hablas a un portugués de espacio y él logra entenderte, y tienen buenos oídos, por tanto y demás, menos me esfuerzo para hacerlo (...)" – Mulher, 50 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Apesar disto, houve um *outlier* nesta questão. Trata-se de uma entrevistada que chegou há 2 anos com apenas 16 anos, que mencionou que teve de repetir anos letivos no ensino secundário após a sua chegada, pois o período em que chegou a Portugal coincidiu com um ano letivo já a decorrer e depois teve de repetir outro ano devido às dificuldades com a barreira linguística, mas também devido à incompatibilidade das etapas de aprendizagem entre os sistemas educativos dos dois países. Porém, estas dificuldades na adaptação também podem ser atribuídas a uma falta de preparação por parte do sistema educativo português para acolher imigrantes. A entrevistada exemplificou a sua situação, afirmando que muitas matérias que dava no ensino secundário tinham bases lecionadas no 9º ano, porém, ela ainda não tinha chegado a essa etapa na sua educação em Cuba:

"Y tuve que repetir, tuve que repetir, porque claramente me metieron a mí en una escuela, yo no sabía, yo no decía ni 'bom dia', ni 'boa tarde', y 'obrigada"' (...) a mí me metieron en esa escuela sin saber nada de portugués, y rodeada de gente que hablaba rápido português (...) Imagínate en el curso de Ciencias y Tecnologías: Biología, Geología, Física y Química, Matemáticas, yo tenía, yo que sé, como que 5 en Matemáticas creo, la primera vez, porque también el programa era diferente, yo no sabía esas cosas. Y me daba una rabia, porque dicen: "Vocês deram isto no nono ano", ¡no di eso!"

Outra dificuldade que enfrentou foi a de estabelecer amizades e que ela caracterizou como o mais impactante do período depois da sua chegada a Portugal:

"Fue difícil, porque al inicio fue difícil, muy difícil hacer amigos, muy difícil"

Alguns entrevistados acabaram por mencionar que a sua maior dificuldade foram os trâmites burocráticos e a documentação, mas que até estes se resolveram com relativa facilidade:

"(...) y la sensación de que tenías que hacer un montón de trámites que tú no sabías exactamente qué era lo que tenías que hacer. Que te sentías solo sin conseguir un rumbo sin saber qué era lo que tenías que hacer, eso me afectó" – Mulher, 51 anos. Reside em Portugal há 22 anos.

Outro elemento inesperado nesta secção foi a quantidade de entrevistados que mencionaram a aquisição de casa (compra, não arrendamento) como uma diferença significativa entre Cuba e Portugal, ou mesmo como uma preocupação futura – algo que prévio às entrevistas não foi um elemento que esperava ter sido relevante – o que demonstra uma possível ambivalência em relação ao processo de reconhecimento das diferenças materiais entre diferentes países, mas também entre diferentes regimes:

"(...) yo en Cuba ya tenía la seguridad de una vivienda, aquí vivo alquilada, no sé si yo podré adquirir una casa (...)" – Mulher, 50 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Um entrevistado de 27 anos mencionou que o facto de não poder comprar casa em Portugal e de estar a viver num aluguer lhe fez perder o "sentimento de casa":

> *"En Cuba, por ejemplo, tenía la... lo que yo le decía, mi casa, que es básicamente la casa de mis padres. Y aquí, desde que llegué, lo he alquilado, y es como que por un momento el sentimiento de hogar se me perdió"* – Reside em Portugal há 2 anos.

Finalmente, existiu uma divisão entre os participantes em relação a Portugal ser ou não a etapa final do seu processo de mobilidade:

> *"Yo ahora mismo estoy pensando muy seriamente en asentarme en Portugal, no tengo previsto irme"* – Homem, 47 anos. Reside em Portugal há 3 anos.

No que toca a pessoas que chegaram há mais de 5 anos, especialmente os que chegaram há mais de 10-15 anos, o consenso unânime é que Portugal é de facto o "passo final", porém, é mais interessante analisar este aspeto juntamente com outra questão do próximo bloco.

De uma forma geral, a expectativa neste bloco estava relacionada com a heterogeneidade das respostas numa primeira instância, especialmente nas questões relacionadas ao começo do processo de mobilidade da diáspora cubana. Por exemplo, entre as motivações que levaram às suas respetivas saídas de Cuba, a maior parte dos entrevistados mencionou oportunidades profissionais como o fator principal. Fatores económicos em geral não foram mencionados, mas aparecem em segundo plano e incluídos na mesma dentro destas motivações profissionais – nenhuma das respostas desviou significativamente destas.

Apenas 3 dos 10 entrevistados mencionaram a sua infância na questão que lhes pedia para partilhar o que mais valorizavam do momento antes de saírem de Cuba, e mesmo quando podiam ter mencionado este período em outras questões, tal não foi o caso. Enquanto ao momento após a sua chegada a Portugal, alguns entrevistados mencionaram dificuldades que tiveram, enquanto outros escolheram falar de aspetos que mais os surpreenderam e contrastá-los com o que experienciavam, ou não, em Cuba. Em relação às dificuldades, previamente à realização das entrevistas, a dificuldade que tinha previsto ser a mais relevante estava relacionada com a barreira linguística. Apesar de ter sido mencionada em algumas entrevistas, as questões burocráticas relacionadas aos trâmites legais acabaram por ter mais relevância, sendo sublinhadas por alguns entrevistados como uma fonte de estresse após as suas respetivas chegadas. Alguns elementos pertencentes à geração diaspórica mais recente mencionaram o facto de não saberem ainda dominar a língua portuguesa, porém, não o classificaram como uma dificuldade por várias razões: primeiramente devido ao facto de que, no seu contexto profissional, aprender português não era uma necessidade; e outros mencionaram que os portugueses muitas vezes entendiam o espanhol ou estavam sempre dispostos a ajudar. Enquanto à geração diaspórica mais antiga, esta questão foi ainda mais irrelevante, pois ao longo dos anos foram

aprendendo vários aspetos, mesmo que ainda não tenham conseguido alcançar o domínio total da língua.

5.2. Relação com Cuba

O segundo bloco foi dedicado à análise das relações dos entrevistados com Cuba desde que saíram do país. Muitos entrevistados reportaram o facto de que muitos amigos seus também já saíram de Cuba, pelo qual este aspeto dificulta a manutenção de relações afetivas desta natureza no país:

> *"Yo tengo un grupo de amigos más cercanos, somos ocho. Y de los ocho, estoy yo en Portugal, hay tres en España y dos en Estados Unidos. Entonces quedan dos en Cuba. Los dos creo que tienen planes de irse eventualmente, pero bueno, por ahora están ahí en Cuba"* – Homem, 27 anos. Reside em Portugal há 2 anos.

Outro entrevistado mencionou que ainda tem família e amigos a residir em Cuba, porém, diz que estas conversas costumam ser muito negativas, pois acabam sempre por falar de questões atuais de Cuba:

> *"Y lamentablemente los temas de conversación son: 'mira, no hay corriente, mira, la comida está muy difícil de conseguir' (...) O sea, cuando hablas con la gente de Cuba, esas son las cosas que más les duele en este momento"* – Homem, 47 anos. Reside em Portugal há 3 anos.

Porém, também mencionou que tem saudade de alguns aspetos de Cuba, principalmente as pessoas, e que às vezes gosta de recordar elementos culturais que lhe conectam ao seu país:

> *"O sea, yo de Cuba extraño otras cosas, sobre todo la gente. La gente mía, la que dejé atrás (...) me pasa una vez cada dos, tres meses, que me dan ataques de nostalgia y me pongo a oír canciones de La Habana (...) sí, hay veces que me acuerdo mucho de las cosas de Cuba, y me pongo medio nostálgico (…)"*

A questão dedicada às viagens realizadas a Cuba pelos elementos da diáspora após iniciado o processo de mobilidade produziu respostas bastante variadas, devido também à existência de diferentes gerações diaspóricas. De facto, uma ideia pré-existente à investigação baseava-se na ideia de que membros da geração diaspórica cubana mais distante tivessem realizado algumas viagens de retorno a Cuba, com as razões para estas serem alvo de análise nas entrevistas. Porém, dos 4 entrevistados pertencentes a esta geração, apenas 2 responderam que o tinham feito, com as respetivas razões para estas viagens a diferir entre si. Um entrevistado de 53 anos que reside em Portugal há 22 anos, mencionou que fez duas viagens ao longo destes anos, uma por razões profissionais, e outra por escolha própria pois queria ver os seus pais, mas que tenta sempre evitar realizar estas viagens:

> *"Fui dos veces a Cuba. La primera vez coincidió con un viaje de trabajo. Y la segunda vez ya fue porque sí, porque quería ir. Pero de forma general no... O sea, tenía ganas de verlos, mi mamá*

había venido varias veces. Así había venido de visita acá varias veces, y yo siempre prefería que fuera así. Que ella viniera a visitarme y no yo tener que ir allá. Yo entendía que tenía que ir porque todavía tenía que ver a mi papá. Pero de forma general yo evito ir a Cuba. Sí lo puedo evitar. No tengo ningún interés en volver"

A outra entrevistada que respondeu afirmativamente à realização de viagens mencionou que viaja frequentemente a Cuba – com mais frequência do que outros expatriados cubanos – devido à necessidade legal de manter a casa da sua família em Cuba. Neste caso em específico, a entrevistada justificou a manutenção da sua casa pelo sentimento de "saudade" com a casa e a sua infância, e que no início do seu processo de mobilidade, a casa podia servir como uma "alternativa" para a sua família imediata se as "coisas não tivessem corrido bem em Portugal", ou seja, teria sempre um lugar para onde regressar. Porém, a entrevistada sublinhou que essa perspetiva entretanto mudou e que não pretende voltar a Cuba de forma permanente, confirmando a ideia de Méndez Rodenas (2007) em relação ao desgaste da noção de algum dia as pessoas pertencentes à diáspora cubana poderem voltar ao seu país:

"(...) por el hecho de que, a lo mejor en algún momento, eso se convierte en un lugar para mis hijos. Al inicio pensaba como, 'Si me va mal aquí siempre tengo un lugar adonde regresar'. Ya cambió esa perspectiva hace muchos años porque yo no voy a llevar a mis hijos a Cuba, con lo cual esa perspectiva desde el momento en que nacieron mis hijos cambió. Ya no es el lugar a donde regresar (...) porque vivir para Cuba no es una opción permanentemente, no es una opción (…) Porque cada vez que voy noto que el país está más degradado. Está más degradado en la cultura de las personas (…)"

De facto, antes do começo das entrevistas, outra ideia predominante que não tinha a certeza se ia ser confirmada, era o facto de os sujeitos não quererem retornar a Cuba de forma permanente que, nas entrevistas em si, acabou por ser bastante associada à questão do bloco anterior em relação a Portugal ser ou não a etapa final do processo de mobilidade. Esta ideia foi confirmada, com 9 dos 10 entrevistados a afirmar que não pretendiam retornar a Cuba permanentemente. A única pessoa que não respondeu desta forma foi uma estudante de 20 anos, que apenas mencionou que não descartava a possibilidade de voltar no futuro, especialmente se fosse uma oportunidade profissional. Para muitos entrevistados, esta decisão de não voltar baseou-se numa variedade de razões que abrangem motivações pessoais, económicas, mas também profissionais, pois não querem abandonar o seu emprego atual. Alguns mencionaram que o seu processo de mobilidade se tornou num "processo de não retorno", e outros mencionaram que ao voltar a Cuba, questões legais lhes impediriam de viajar a outros países:

"No, yo no he vuelto a Cuba. Y ahora mismo la verdad es que no tengo en mis planes regresar. Y voy a ser sincero, es que en algún momento quiero ir a Estados Unidos y ir a Cuba me lo impediría" – Homem, 47 anos. Reside em Portugal há 3 anos.

"Sí, básicamente es un proceso de no retorno. Ya está dado, no hay retorno hacia atrás" – Homem, 28 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Um entrevistado que se insere nesta geração diaspórica mais recente mencionou que uma das razões para a sua decisão de não retornar estava assente nas "limitações" que existem em Cuba, algo de que ele apenas tomou conhecimento após a sua chegada a Portugal e após ter conhecido outros países europeus. Ele passou a explicar que, enquanto cidadão legal da União Europeia, consegue deslocar-se facilmente para outros países se assim desejar, algo que em Cuba era mais difícil devido às barreiras burocráticas existentes. Porém, o entrevistado também menciona que tem medo em relação à possibilidade de visitar Cuba e o governo cubano subsequentemente não o deixar sair do país:

"(...) cuando vine a Portugal ya he tenido la posibilidad de conocer mucho, de conocer Portugal completo prácticamente (…) Yo siempre digo que a mí me gusta mucho el sentimiento de que si yo mañana quisiera, por la razón que sea, caminar hasta Rusia, puedo hacerlo (...) Y puedo hacerlo no solo por cuestiones geográficas, sino por cuestiones legales (...) Y en Cuba no era así, en Cuba era todo un lío, un miedo (…) Hay mucha gente, por ejemplo, y yo incluido, que cuando va a Cuba tiene miedo de que no lo deje salir más, incluso de visita" – Homem, 27 anos. Reside em Portugal há 2 anos.

Membros de uma geração diaspórica mais distante também responderam da mesma forma:

"No, no, no, ni de visita siquiera. Sí lo puedo evitar. Tengo que ir de todas formas porque mi papá está allá, pero no tengo ningún, ningún, ningún tipo de interés en ir a Cuba" – Homem, 53 anos. Reside em Portugal há 22 anos.

Uma entrevistada que reside em Portugal há 20 anos e que já voltou várias vezes a Cuba explicou que as suas razões para não voltar centraram-se na degradação cultural que tem experienciado cada vez que volta. Isto, segundo ela, tem criado uma desconexão gradual com o povo cubano, que culminou num reforço ainda mais notável da sua decisão de não voltar ao país:

"Porque cada vez que voy noto que el país está más degradado. Está más degradado en la cultura de las personas, no tanto en infraestructura (...) la educación de la gran mayoría de los cubanos no ha sido nunca de las mejores. O sea, los cubanos son instruidos, no educados (...) Eso, para mí, está fuera de cuestión regresar para Cuba"

Curiosamente, outros entrevistados mencionaram algo semelhante ao "deterioramento da sociedade" cubana como uma das razões para a sua saída, ou pelo menos, como um fator relevante para a sua relutância em retornar no futuro. Este sentimento indica uma perda de valores que, anteriormente, os associavam à sua identidade nacional cubana e demonstra uma desconexão progressiva com o seu país:

"Al contrario, lo único que veías era que mientras más pasaba el tiempo, más se iba deteriorando la sociedad" – Homem, 28 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

De todas as entrevistas, esta questão do retorno foi talvez a que obteve respostas mais unilaterais, efetivamente confirmando a conceção diaspórica partilhada por Clifford (1994) quando argumenta em contraste com a "ânsia" que pessoas possam ter em voltar ao seu país de origem, e vai em contra um dos aspetos mencionados tanto por Safran (1991) como Dembicz (2020) quando argumentam que uma das características que definem uma diáspora é a sua constante idealização do seu país de origem para a qual os seus elementos irão retornar no futuro. Ou seja, nesta questão em particular é possível argumentar que a diáspora cubana em Portugal não se rege por uma só ideia de "pátria" e retém identidades híbridas.

Enquanto a outros resultados dentro deste bloco, uma ideia pré-concebida da pesquisa era que muitos destes elementos tivessem amizades ou familiares que iniciaram um processo de mobilidade similar. De facto, muitos entrevistados mencionaram que muitas das suas amizades em Cuba, entretanto, já emigraram para outros países, muitas destas "espalhadas" em diferentes continentes, enquanto praticamente todos os entrevistados já trouxeram familiares para Portugal. Inclusive, alguns da geração diaspórica mais antiga expandiram as suas famílias nos anos após as suas chegadas. Esta falta de conexões pessoais em Cuba pode dificultar as conexões da própria diáspora cubana com o seu país de origem, porém, este capítulo demonstrou que existe um processo ativo de recusa dentro dos participantes, manifestado pela unanimidade de não quererem voltar de forma permanente. No entanto, este *quadro identitário* da diáspora cubana em Portugal torna-se mais complexo devido ao facto de que o tema de Cuba ainda é um tópico de conversa constante entre alguns elementos da diáspora cubana e este aspeto, entre outros, será analisado mais extensivamente no seguinte capítulo.

5.3. Vida e Relações Sociais em Portugal

O terceiro bloco dedicou-se à exploração do quadro das relações da diáspora cubana em Portugal, isto é, todas as relações familiares, afetivas, profissionais com outros elementos da diáspora cubana, mas também com cidadãos portugueses e oriundos de outros países. É relevante mencionar que, neste bloco em específico, as respostas serão inevitavelmente variadas, devido a fatores como a idade, a situação profissional, a geração diaspórica e até mesmo o estado civil – um indivíduo que reside num país há mais tempo terá sempre mais oportunidade e tempo de expandir, ou não, as suas redes sociais nesse espaço. Por exemplo, um entrevistado de 27 anos que reside em Portugal há pouco mais de 1 ano mencionou que tem mais amizades internacionais do que cubanas ou portuguesas, enquanto outra relatou que, ao longo dos 20 anos que reside no país, foi fazendo várias amizades com pessoas de diferentes nacionalidades. Outro entrevistado que reside no país há 2 anos mencionou que as suas amizades são maioritariamente cubanas, e que as relações com portugueses resumem-se a relações de natureza profissional:

"Como tal, amistades, no creo, porque sí tengo colegas de trabajo portugueses, pero no tenemos mucha relación fuera del trabajo. Entonces, no creo que pueda catalogarlo como amistades" – Homem, 27 anos. Reside em Portugal há 2 anos.

Outro entrevistado que reside em Portugal há mais de 20 anos mencionou que tem um grupo social pequeno, que por acaso é constituído maioritariamente por cubanos, mas que ele não atribui muita importância à sua identidade, e a nacionalidade das pessoas com quem interage não lhe interessa muito:

"Cuando nosotros llegamos acá (...) Éramos un grupo relativamente pequeño (...) Funcionábamos como una especie de familia, familia sustituta. Y hemos mantenido eso, hemos mantenido eso. De ahí para afuera yo no soy muy sociable. Entonces el resto de los cubanos a mi alrededor están un poco de background. Yo no pongo mucho valor a la identidad, con lo cual, si son cubanos o son turcos o japoneses (...) No me hace diferencia" – Homem, 53 anos. Reside em Portugal há 22 anos.

Assim, um aspeto universal a todas as entrevistas realizadas foi a existência de amizades cubanas com estes elementos da diáspora. Muitos entrevistados sublinharam a importância que a formação de amizades com elementos cubanos teve na sua "integração" em Portugal, quer tenham sido amizades pré-existentes à sua chegada, quer relações formadas já depois da mesma. Alguns entrevistados relataram que, após a sua chegada, foram amizades cubanas que lhes ajudaram a navegar o processo dos trâmites legais que necessitavam realizar:

"Sí, otros cubanos me ayudaron mucho. Me ayudaron mucho, es cierto. Y eso fue la realidad, que los cubanos fuera de Cuba se ayudan mucho entre ellos. Esa es la realidad, no se puede negar" – Homem, 47 anos. Reside em Portugal há 3 anos.

"Todos de alguna manera me tendieron la mano, para que yo no caminara sola (...) y ya me siento un poquito más libre en ese sentido (…) no puedo decir que mi llegada aquí ha sido traumática en ese sentido. Tuve todo ese apoyo de todos los cubanos que están aquí, de todos, de una forma o otra, no me dejaron sola" – Mulher, 50 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Outro entrevistado mencionou que, nos momentos iniciais da sua estadia em Portugal, e enquanto ainda estava a trabalhar no setor da restauração sem qualquer contrato de trabalho, foi à plataforma *LinkedIn* na tentativa de formar contactos com outros cubanos a viver em Portugal. Assim, conseguiu ajuda de outro compatriota e, através deste, obteve o seu primeiro emprego com contrato no país, o que salienta o papel e sentido de comunidade como uma estratégia contra processos de xenofobia:

"Básicamente mis dos trabajos más estables fueron gracias a ayuda de cubanos (...) Fui a LinkedIn y busqué todas mis redes cubanas (...) Empecé a ampliar mis redes de esa forma, muchos ya habíamos conectado, muchos otros no, comenzamos a conectar. Y conozco a un amigo mío (...) Y entonces él me dice: 'No te prometo nada. Aquí creo que no hay nada'. Y después como a la semana me dice: 'están buscando personas, ¿Te interesa?' y le dije: 'Por supuesto'. Y me dice, 'No, conmigo con el contrato no vas a tener problemas, esto es una empresa portuguesa (…) Todo legal. Todo rápido'"

Outro aspeto interessante foi a abordagem das relações entre estes elementos da diáspora cubana para além da questão mencionada acima. Muitos entrevistados responderam que, quando se reúnem com outros compatriotas, acabam por discutir várias temáticas sobre o seu país de origem, quer sejam memórias passadas, como desenvolvimentos recentes. Assim, muitos sujeitos acabaram por dar uma variação da mesma resposta:

> *"Yo creo que eso es una cosa que, no sé, habría que irse muy chiquito de Cuba para que Cuba no fuera un tema de conversación en la vida"* – Homem, 47 anos. Reside em Portugal há 3 anos.

> *"(...) cuando hay cubano, casi siempre, tú puedes estar hablando completamente de la situación en Portugal o de la actualidad, pero siempre terminas hablando de Cuba de alguna forma o otra"* – Homem, 28 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Aliás, similarmente à forma como estes elementos diaspóricos cubanos em Portugal discutem sobre o seu país com pessoas que permaneceram lá, muitos mencionaram as suas discussões sobre Cuba com outros cubanos em Portugal com uma conotação negativa, ou seja, que normalmente estas conversas estão "sobrecarregadas" com notícias ou memórias negativas. Isto pode ser fruto, não só das memórias e experiências de Cuba antes do momento de imigrar, mas também depois, através de relatos de amigos ou familiares que continuaram a viver no país, ou até mesmo através de consumo mediático relacionado com Cuba. Porém, um entrevistado não concordou com esta abordagem negativa, mencionando que existem muitas coisas positivas para falar sobre Cuba, e que os seus compatriotas tendem a "queixar-se" demasiado sobre o seu país, o que indica uma conotação negativa com a cultura de origem:

> *"(...) es que hay mucho sentimiento negativo contra Cuba (...) Lo que te quiero decir es que la gente se va siempre por lo negativo y no mira lo positivo (...) Y entonces la gente se queja siempre. Yo creo que es también... Yo creo que es el cubano que siempre está quejándose"* – Homem, 27 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

No fundo, ele enfatiza a necessidade de distinguir entre a Cuba atual e as memórias que os cubanos têm dela antes da sua saída. Porém, este entrevistado também concede que as "coisas positivas" de Cuba estão a desaparecer gradualmente e que ele próprio não se rege tanto pela sua identidade, ou por algum sentimento de *cubanidade* pré-definido, não se sentindo muito como um "cubano típico":

> *"Yo no me siento cubano 'típico' (...) porque al final yo sí tengo, por supuesto, tengo rasgos comunes (...) pero no me siento el más cubano de los cubanos"*

Também é necessário explorar o facto de que muitos cubanos, ou não se sentem "tipicamente cubanos" como o entrevistado acima mencionou, ou não acreditam sequer que existe uma só conceção de *cubanidade*, como o exemplo de uma entrevistada que imigrou para Portugal há 20 anos: na sua perspetiva, tanto o conceito de pátria como o de uma "idiossincrasia comum" não existem, preferindo

encarar as memórias e experiências positivas separadamente do país onde ocorreram, ou seja, estas memórias e experiências não existem pelo facto de alguém ser cubano, pois podiam ter acontecido noutro espaço geográfico:

> *"Lo que es ser cubano ni siquiera...primero, no es nada definido, me imagino. Y después no es que te identifique. A ver, con algunas cosas sí, y evidentemente tuviste vivencias buenas allí y recuerdas vivencias buenas, pero no es por el hecho de ser cubano. Podías haber tenido vivencias buenas en otros lugares y extrañarlas y añorarlas, y no es por el hecho de ser cubano"* – Mulher, 51 anos.

Ou seja, foi demonstrado através destas últimas citações que alguns entrevistados não atribuem muita importância ao que López (2018) refere como *cubanidade*, inclusive, alguns afirmam que não acreditam que tal conceito exista.

Outra questão abordada foi o tipo de conversas que a diáspora cubana em Portugal tem com outras pessoas que não são compatriotas, sejam portugueses ou cidadãos oriundos de outros países. O mesmo entrevistado citado acima – que num bloco anterior também mencionou que tem vários amigos internacionais – conta que as suas amizades normalmente lhe perguntam acerca do seu processo de mobilidade, e que as pessoas em geral estão "desinformadas" em relação a Cuba. Também apresenta uma postura crítica em relação às representações mediáticas, que encara como fontes de desinformação em relação ao seu país:

> *"Cómo vine para acá (...) Hay mucha desinformación. Hay gente que piensa que Cuba es como Corea del Norte o algo así. Hay gente que piensa eso. Hay gente que piensa que Cuba es lo que ven en las películas americanas, ¿no? Y se creen en todo"*

Uma entrevistada afirma que ela "não é o melhor indicador" para discutir sobre Cuba, pois encara esses assuntos como "muito longínquos" no tempo, mas principalmente porque ela não sente que o seu processo de mobilidade se enquadra com o resto da diáspora cubana global. Passa a explicar que a maioria dos fluxos migratórios globais são originados por problemas económicos, algo que não foi um problema no seu caso e que simplesmente não conseguia ver um futuro para si em Cuba:

> *"O sea, cuando tu miras estadísticas, mucha gente que sale de sus países, la mayor parte de ellos son por problemas económicos (…) las migraciones actuales son la mayor parte por problemas económicos y en el momento que yo salí de Cuba (...) y sobre todo que aun cuando yo no tuviera aquellos problemas, lo que veía era un futuro que no lo veía en Cuba"*

Dentro deste bloco, muitos entrevistados mencionaram que estas conceções "idealizadas" sobre Cuba de facto existiram num certo período, especialmente durante a infância da geração diaspórica mais antiga, mas ao longo do tempo esta conceptualização acabou por desgastar-se. Isto criou um contraste progressivo entre as experiências e memórias dos elementos diaspóricos sobre o seu país, com a perspetiva sobre Cuba que o resto do mundo tende a projetar. Mas também é importante notar que estas memórias em relação ao seu país dependem sempre do seu contexto de origem, ou seja, a

mobilidade por parte de pessoas abastadas ou pessoas mais pobres não costuma ter semelhanças entre si, logo a importância de contextualizar as mesmas no contexto das memórias do país.

No cômputo geral, este bloco demonstrou que esta diáspora específica tende a criar relações profissionais tanto com cubanos como com cidadãos portugueses, enquanto que as suas relações afetivas e amizades tendem a manter-se exclusivamente com cubanos. Este último aspeto pode ser explicado pela ajuda que muitos elementos receberam de outros compatriotas no momento da sua chegada a Portugal, que ultimamente lhes ajudou a integrarem-se no país.

5.4. Usos dos Media e Relação com Cuba

Nesta última parte, os entrevistados foram inquiridos em relação aos seus hábitos de consumo de media relacionados com Cuba. Porém, as primeiras perguntas foram mais dedicadas ao contacto, ou não, com pessoas que permaneceram no país. Neste caso, todos os entrevistados mencionaram que mantêm contacto com pessoas que permaneceram em Cuba, sejam amigos ou familiares. Porém, alguns mencionaram que já não têm muita família ou amigos a residir em Cuba e que este contacto, embora ainda existente, era mínimo. Uma entrevistada mencionou que, nos 20 anos em que reside em Portugal, os seus amigos têm gradualmente saído de Cuba também. Isto foi um tema recorrente em muitas entrevistas – o facto de que muitas amizades tenham iniciado um processo de mobilidade similar ao dos entrevistados. Por exemplo, um entrevistado de 20 anos, mencionou que tem vários amigos cubanos deslocados internacionalmente, mas que mantém contacto regular com os que permaneceram no país, mesmo tendo em conta que eles também estão a planear a sua saída de Cuba:

> *"Yo tengo un grupo de amigos más cercanos, somos ocho. Y de los ocho, estoy yo en Portugal, hay tres en España y dos en Estados Unidos. Entonces quedan dos en Cuba. Los dos creo que tienen planes de irse eventualmente, pero bueno, por ahora están ahí en Cuba. Y sí, hablo con ellos prácticamente todos los días"* – Homem, 27 anos. Reside em Portugal há 2 anos.

Na questão relacionada aos métodos e ferramentas utilizadas para manter este contacto, todos os entrevistados mencionaram pelo menos o *WhatsApp*, entre outras ferramentas. Neste caso, muitos mencionaram que combinavam mensagens por texto com videochamadas. Enquanto à frequência deste contacto, um entrevistado mencionou que fala com o seu pai por videochamada todas as semanas:

> *"Nosotros hablamos por teléfono. Usualmente por teléfono, por WhatsApp, comunicamos. Hablamos casi todas las semanas"* – Homem, 53 anos. Reside em Portugal há 22 anos.

De facto, todos os entrevistados que mencionaram que mantêm contacto, responderam que o fazem, no mínimo, semanalmente:

"Sí, hablo con ellos regularmente. Toda la semana, dos o tres veces a la semana" – Homem, 47 anos. Reside em Portugal há 3 anos.

"¿Con mi familia? Sí, sí, sí, semanalmente (...) Videollamada, sí, semanalmente"- Homem, 27 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Após estas perguntas iniciais, foram então abordadas as questões em relação aos desenvolvimentos atuais políticos, económicos e sociais em Cuba, mas também em relação ao consumo de media por parte da diáspora cubana em Portugal. Um dos entrevistados que chegou a Portugal já depois da pandemia COVID-19, mencionou que não costuma manter-se a par dos desenvolvimentos em Cuba, explicando que desde a sua chegada tem-se preocupado mais em acompanhar situações que aconteçam em Portugal, pois podem afetar-lhe diretamente a ele:

"(...) trato de no hablar de cosas de Cuba, sino hablar de 'cómo estás, no sé qué, está todo bien y tal', pero como mi vida ya está aquí, me preocupo más por cosas que me estén pasando alrededor que de cosas que estén pasando allá" – Homem, 27 anos. Reside em Portugal há 2 anos.

De uma forma geral, existe uma divisão entre entrevistados que se mantêm a par destes desenvolvimentos ou não, e cada um destes lados merece uma análise. Por exemplo, um entrevistado que chegou há 3 anos afirmou que todos os dias acede ao *website* "*Cubadebate*" para se manter informado:

"O sea, yo todavía cuando llego aquí, cuando llego al trabajo, lo primero que hago es ver 'Cubadebate', y ver qué es lo que están contando hoy. Me insulto un poco a veces, pero no... o sea, es algo que ya tenía en memoria desde que era más pequeño y todavía lo hago. O sea, sigo entrando a ese tipo de cosas. O sea, Cubadebate es el medio oficialista por excelencia de Cuba (...) Sí, es oficialista. Es parte de lo que cuenta hacia el mundo. O sea, de lo que quiere contar hacia el mundo el gobierno cubano."

Neste caso, o entrevistado identificou esta fonte como um "meio oficialista" – segundo a noção explorada anteriormente no quadro teórico – que faz parte do que o governo cubano quer transmitir ao resto do mundo em relação ao seu país. O entrevistado também menciona a vantagem que tem em poder aceder a outros tipos de meios agora que se encontra em Portugal, o que também lhe oferece perspetivas diferentes em relação ao seu país. Porém, acaba o comentário ao mencionar que, na sua visão, nem os meios oficiais como os independentes "contam a verdade" sobre Cuba, concluindo que a mesma se situa num meio termo:

"Ahora también tengo la ventaja de que puedo entrar al resto de los sitios, que antes no eran accesibles. Y notas la diferencia, o sea, notas la diferencia de cómo presentan el mismo... o sea, el mismo hecho. Lo presentan desde dos visiones totalmente distintas, y con el tiempo he empezado a darme cuenta de que ninguno de los dos es verdad. O sea, que la verdad está más cerca de la mitad de los dos"

Outro entrevistado mencionou que já em Cuba ele tinha uma noção de não "confiar" em meios de comunicação oficiais, que ele identificou como o jornal *Granma* e até o canal de *YouTube* oficial do

governo cubano. Ele justifica esta desconfiança no contraste entre a narrativa contada por estes meios e a sua própria vida em Cuba, ou seja, estas narrativas mediáticas não refletiam a sua experiência pessoal:

> *"Es decir, en Cuba hay una situación y es que nosotros aprendimos como a no confiar 100% en lo que cuentan los medios oficiales (...) Los medios oficiales en Cuba vienen siendo, es decir, los periódicos, los periódicos nacionales (...) el Granma online, puede ser el perfil de YouTube de la República ya (...) Básicamente, a eso es a lo que le damos 'medios oficiales' (...) en general, tú te habituas a no confiar 100% en lo que te cuentan los medios, sobre todo por el hecho de que tú ves que lo que cuentan no compagina con lo que tú vives" – Homem, 28 anos. Reside em Portugal há 1 ano*

Este entrevistado também mencionou que a ferramenta que utiliza com mais regularidade é o *elTOQUE* – um jornal digital onde, para além de notícias, a população cubana ou exilada consegue aceder às taxas de câmbio da moeda. Também aclarou que este jornal é um dos meios independentes mais relevantes entre a diáspora cubana global e caracterizou o mesmo como sendo "clandestino":

> *"Hay uno que es como el más conocido, que se llama "elTOQUE". elTOQUE es un medio así, no oficial. Es decir, ya elTOQUE ha cogido tan renombre que se ha vuelto como una referencia. No hay cubano que tú le digas "elTOQUE" y no sepa lo que es"*

Curiosamente, outro entrevistado da mesma geração diaspórica que ele, de 27 anos, mencionou que também recorre a este *website* com frequência.

Uma entrevistada referiu que não costuma manter-se a par de notícias ou desenvolvimentos em Cuba, preferindo focar-se na sua nova vida em Portugal. Porém, também justificou este desinteresse pela sua perspetiva de que os meios de comunicação social existentes em Cuba, isto é, os que são diretamente ou indiretamente controlados ou influenciados pelo governo cubano, não contam a "verdade", e que a única forma de conhecer a situação de Cuba é vivendo no país:

> *"Mira, no lo sigo de todo, porque tú no tienes cómo seguir la verdad que hay en Cuba, los medios de comunicación que existen en Cuba no dicen la verdad (…) Que yo pienso que la única forma de tú saber lo que allí pasa, es viviendo allí (…)"* – Mulher, 50 anos. Reside em Portugal há 1 ano.

Também mencionou que o pouco consumo mediático que faz é através de meios independentes, por exemplo, canais de *YouTube* de jornalistas expatriados que especializam a sua cobertura jornalística em temas migratórios:

> *"Mira, Mario Pentón, yo lo escucho mucho, Mario Pentón es un periodista cubano (...) pero un periodista muy serio, entonces qué pasa, él habla, el mayor tema de lo que habla él es de los temas migratórios (...)"*

Todos os entrevistados que mencionaram que não se mantêm a par dos desenvolvimentos também referiram que optam por focar-se mais em Portugal, pois acaba por ser mais útil para o seu quotidiano e consome menos tempo. Alguns elementos que responderam desta forma também

mencionaram que o pouco que consomem vindo de Cuba é mais por necessidade devido a familiares que ainda residem no país.

Enquanto a elementos pertencentes a uma geração diaspórica mais antiga, alguns destes entrevistados fazem um esforço consertado por "afastar-se" de assuntos relacionados com Cuba. Uma entrevistada que reside em Portugal há 20 anos afirmou que nas suas redes sociais não aparece nada relacionado a Cuba, e que ela fez o esforço para tal:

> *"El algoritmo todo no enseña nada el mío está... mi Facebook no enseña nada de Cuba. Porque yo no tengo nada que ver con Cuba, no me enseña nada de Cuba. O sea, incluso tiene puesto mi lugar de nacimiento en Cuba, y ni por eso me enseña nada de Cuba"* – Mulher, 53 anos

Outro entrevistado desta geração mencionou que, num primeiro momento após a sua chegada, acompanhava com mais frequência os desenvolvimentos que ocorriam em Cuba e inclusive comparava notícias de meios oficiais cubanos com notícias da imprensa estrangeira. Porém, com o passar dos anos foi interessando-se cada vez menos, apesar de ainda ter familiares próximos a viver no país. Atualmente prefere ocupar o seu tempo a atualizar-se sobre desenvolvimentos em Portugal já que o impactam muito mais do que o que acontece em Cuba. Isto aponta para uma questão relacionada com o quotidiano e a organização das suas preocupações, a par dos laços familiares que ainda o ligam a Cuba:

> *"Pero en aquel momento, que la internet era clandestina en Cuba y todo, al salir de allá tienes acceso a muchas fuentes, a muchas cosas, y de pronto todas aquellas cosas que eran de cierta forma prohibidas están a tu alcance (...) Y me pasaba la vida leyendo noticias sobre Cuba en otros medios de prensa. Contrastaba la prensa cubana con la prensa extranjera. Cada vez que encontraba un sitio que era, incluso siendo cubano, era ligeramente desviado de la línea del gobierno, buscaba y me informaba de quiénes eran y todas esas cosas. Pero con el tiempo deja de importarme, porque (…) no vivo en Cuba, con lo cual, si lo que quiera que sea que pasa en Cuba me afecta solo de forma lateral. Está mi mamá y mi papá y estaban allá y eso les puede afectar, pero el resto me da igual (...) O sea, ok, lo siento o no, pero yo estoy más preocupado por quién es el primer ministro (em Portugal) y cuáles son las leyes que me afectan a mí"* – Homem, 53 anos. Reside em Portugal há 22 anos.

A análise dividida por gerações diaspóricas no consumo de media é importante, pois é necessário contextualizar os diferentes momentos de saída dos entrevistados. Foi possível notar que elementos de uma geração diaspórica mais antiga tiraram proveito de um acesso mais aberto à *Internet* do que aquele que tinham em Cuba quando chegaram a Portugal. Enquanto às pessoas que chegaram relativamente recentemente e têm um interesse ativo em manter-se a par com notícias acerca do seu país, muitas já tinham conhecimento da maioria dos meios independentes e, juntamente com redes sociais relevantes, são o conjunto de meios que compõem o seu consumo de media em relação a Cuba atualmente. Apenas um dos participantes mencionou que acompanha um meio de comunicação oficialista, sendo este localizado na *Internet*. Porém, outros entrevistados rejeitaram diretamente estes meios, caracterizando-os como "não fiáveis".

De uma forma mais geral, o consumo mediático de muitos elementos é sempre impactado pela falta de conexões pessoais existentes em Cuba (é importante salientar que o pouco contacto que eles têm com familiares e amigos que permaneceram é bastante frequente – todos semanalmente). Mas para além deste aspeto, alguns elementos também afirmaram que não "acreditam" nas notícias que envolvem Cuba, tanto de meios oficiais como de independentes, ou afirmam mesmo que não "acontece nada" em Cuba, no contexto das notícias que são reportadas no país e do conteúdo das mesmas. Não obstante, de uma forma geral, os participantes mantêm-se conectados com o seu país, quer seja através do acompanhamento de desenvolvimentos em relação ao mesmo ou, como foi comprovado de forma unânime ao longo destes capítulos, através de interações com pessoas em Cuba, mas também com compatriotas em Portugal e à volta do mundo.

Capítulo 6 – Conclusão

A diáspora cubana em Portugal não tem o tamanho populacional ou o impacto cultural e social de outras diásporas cubanas à volta do mundo, e os estudos acerca da mesma são mínimos. Com este trabalho, procurou-se entender que processos estão presentes na construção e manutenção da identidade nacional desta diáspora em específico, por exemplo, que tipo de impacto fatores como o processo de mobilidade, relações e redes sociais e o consumo mediático têm neste aspeto.

As entrevistas contaram com respostas bastante variadas, dependendo também dos blocos e das temáticas abordadas, pois também houve várias instâncias em que os entrevistados responderam quase de forma unilateral. A maioria dos cubanos entrevistados iniciou o seu processo de mobilidade devido a uma combinação entre motivações profissionais e económicas. Um aspeto que salienta esta conclusão é o facto de que a maioria dos elementos da geração diaspórica mais recente (dos últimos 5 anos) chegou a Portugal através da concessão de Vistos de Procura de Trabalho. Estes entrevistados também acabam por relacionar-se mais com outros compatriotas, e não tanto com outras pessoas, incluindo portugueses, cujas relações são mais profissionais. Isto pode ser explicado pela ajuda que muitos dos participantes, quando recém-imigrados, receberam por parte de outros compatriotas, que lhes ajudou a *amortecer* a sua chegada a Portugal, mas também demonstra a importância da ajuda interdiaspórica para combater processos xenofóbicos, como em casos da ausência de contratos de trabalho.

Os participantes também responderam de forma unânime que não desejam voltar a Cuba de forma permanente. Isto pode dificultar a sua conexão com o seu país de origem, exacerbada também pela falta de relações pessoais e sociais existentes em Cuba, demonstrada pelo facto de que a maioria dos entrevistados já trouxe familiares e amigos para Portugal – um aspeto transversal às duas gerações diaspóricas exploradas. Porém, numa análise à perspetiva comunicativa e de interação e consumo

mediático, os participantes pertencentes à geração diaspórica mais recente demonstraram um certo nível de acompanhamento em relação a desenvolvimentos em torno de Cuba, principalmente através de meios de comunicação social independentes. No contexto deste estudo, este último aspeto confirma a teoria de Couldry e Hepp (2022) em relação aos media enquanto ferramentas de renegociação identitária, mas também de construção social de comunidades, permitindo a criação de uma *comunidade imaginada* segundo Anderson (1991). Este acompanhamento de notícias e desenvolvimentos relacionados ao seu país demonstra uma manutenção de um *estado de esperança* contra o *status quo* do seu país de origem. E apesar de alguns participantes, especialmente os que chegaram a Portugal há mais de 5 anos, demonstrarem um certo desinteresse e até recusa em interagir especificamente com meios de comunicação em relação a Cuba – que pode evidenciar um esforço mais amplo para proteger a sua identidade existente – praticamente todos os participantes interagem com o seu país de origem de alguma forma ou outra, que pode ser manifestado na leitura, conversas ou lembranças e memórias relacionadas a Cuba. Isto, em conjunção com os aspetos culturais onde é evidente que os participantes retêm muitos destes laços com o seu país – através também de interações com outros compatriotas – demonstra a existência de formas de conexão e de continuidade com Cuba, e que estes sentimentos de pertença não dependem do território geográfico onde se encontram, mas sim das práticas e costumes do seu quotidiano. E em relação à possibilidade da existência de uma desconexão identitária com Cuba mencionada acima, estes últimos aspetos analisados apontam mais para uma desconexão identitária *parcial* e até certo ponto *performativa,* remetendo para os argumentos de Goffman (1959) e López (2018) em relação à identidade – o *ser cubano* – ter-se tornado em algo performativo e dependente de contextos sociais.

É possível encarar esta variedade de posicionamentos face ao seu país como uma interpretação legítima da identidade híbrida e heterogénea destes participantes incluídos na diáspora cubana em Portugal, que também desafiam a idealização concebida por Salazar Navarro (2017), quando teoriza um futuro onde a diáspora cubana global está "unida" e politicamente homogénea. De facto, os participantes como um todo não contam com uma visão *mística* ou *utópica* em relação a Cuba e demonstram fazer parte de um quadro identitário complexo, caracterizado pela existência de diferentes níveis de ligações ao seu país e muitas vezes contraditórias em relação ao que é *ser de Cuba* e ao *viver fora de Cuba*. Portanto, estamos perante um processo complexo e contínuo de renegociação da identidade nacional e de sentimentos de pertença que demonstram não uma negação de Cuba em absoluto, mas uma *negação parcial* quer seja das condições políticas, materiais ou económicas, ou uma recusa de diferentes estereótipos sobre a *cubanidade*, criando assim uma ambivalência face a diferentes elementos que constituem a identidade nacional cubana e a existência de várias *cubanidades* a serem aceites ou negadas.

Referências Bibliográficas:

- Acosta Rodríguez, C. (2020). Cuba: criminalizando la libertad de expresión. *Foro Cubano-Divulgación,* *3*(24). https://revistas.usergioarboleda.edu.co/index.php/fc_divul/article/view/1987
- Adey, P. (2017). *Mobility* (2ª ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9781315669298
- Albizu-Campos, J. C. (2016). Fertility, GDP and average real wage in Cuba. *MEDICC Review*, *18*(1–2), 71–76. https://doi.org/10.37757/mr2016.v18.n1-2.14
- Alfonso, I. D. (2023). Re-reading Cuba in London: media and identity in the Cuban diaspora. *Romanian Journal of Communication and Public Relations*, *14*(4), 65–83. https://www.journalofcommunication.ro/index.php/journalofcommunication/article/view/383
- Anderson, B. R. O. (1991). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. Verso.
- Antonsich, M. (2009). National identities in the age of globalisation: The case of Western Europe. *National Identities, 11*(3), 281–299. https://doi.org/10.1080/14608940903081085
- Ariely, G. (2012). Globalisation and the decline of national identity? An exploration across sixty-three countries. *Nations and Nationalism*, *18*(3), 461–482. https://doi.org/10.1111/j.1469-8129.2011.00532.x
- Bauman, Z. (2004). *Identity: Conversations with Benedetto Vecchi* (B. Vecchi, Ed.). Polity Press.
- Bayona-i-Carrasco, J., & Avila-Tàpies, R. (2020). Latin Americans and Caribbeans in Europe: A Cross-Country Analysis. *International Migration, 58*(1), 198–218. https://doi.org/10.1111/imig.12565
- Beltran, C. (2010). *The trouble with unity: Latino politics and the creation of identity*. Oxford University Press.
- Berg, M. L. (2007). Memory, politics, and diaspora: Cubans in Spain. Em A. O'Reilly Herrera (Ed.), *Cuba: Idea of a nation displaced* (pp. 15-34). State University of New York Press.
- Berg, M. L. (2011). *Diasporic generations: Memory, politics, and nation among Cubans in Spain*. Berghahn Books. http://www.jstor.org/stable/j.ctt9qd4nx
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (1966). *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. Open Road Integrated Media.
- Brandhorst, R. (2023). The migration motive and transnational engagement nexus. A case study of transnational families between Cuba and Germany. *Journal of Ethnic and Migration Studies, 49*(7), 1803–1825.

https://doi.org/10.1080/1369183X.2021.1878874

- Brinkmann, S. (2022). *Qualitative interviewing: Conversational knowledge through research interviews*. Oxford University Press.
- Burchardt, H.-J., & Leinius, J. (2022). *(Post-)colonial archipelagos: Comparing the legacies of Spanish colonialism in Cuba, Puerto Rico, and the Philippines*. University of Michigan Press. https://doi.org/10.3998/mpub.11747103
- Campos-Alves, S. M., Delduque, M. C., Barros, F. P. C. de, & Díaz-Bermúdez, X. P. (2022). Profesionales médicos cubanos para la atención primaria de salud: el caso de Portugal. *Revista de Salud Pública, 24*(5), 1-7. https://doi.org/10.15446/rsap.v24n5.104434
- Castells, M. (2010). *The power of identity*. Wiley-Blackwell.
- Clifford, J. (1994). Diasporas. Cultural Anthropology, 9(3), 302–338. http://www.jstor.org/stable/656365
- Couldry, N., & Hepp, A. (2020). Media and the social construction of reality. Em N. Couldry & A. Hepp (Ed.), *The Oxford Handbook of Digital Media Sociology* (pp. 27-39). Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780197510636.013.2
- Cresswell, T. (2010). Towards a politics of mobility. *Environment and Planning D: Society and Space*, *28*(1), 17–31. https://doi.org/10.1068/d11407
- Dembicz, K. (2020). The end of the myth of the Cuban exile? Current trends in Cuban emigration. *International Studies: Interdisciplinary Political and Cultural Journal, 25*(1), 75–88. https://doi.org/10.18778/1641-4233.25.05
- Goffman, E. (1959). *The presentation of self in everyday life*. Bantam Doubleday Dell Publishing Group.
- Gubrium, J. F., & Holstein, J. A. (Eds.) (2001). *Handbook of Interview Research*. SAGE Publications.
- Gubrium, J., Holstein, J., Marvasti, A., & McKinney, K. (2012). *The Sage Handbook of Interview Research: The Complexity of the Craft*. https://doi.org/10.4135/9781452218403
- Hall, S. (1990). Cultural Identity and Diaspora. Em J. Rutherford (Ed.), *Identity: Community, Culture, Difference* (pp. 222-237). London: Lawrence & Wishart.
- Henken, T. (2011). Una cartografía de la blogósfera cubana. Entre «oficialistas» y «mercenarios». *Nueva Sociedad*, *235*, 90–109.
- Hepp, A. (2019). *Deep Mediatization*. Routledge. https://doi.org/10.4324/9781351064903
- Herrera, A. O. (Ed.). (2007). *Cuba: Idea of a Nation Displaced*. State University of New York Press. http://www.jstor.org/stable/jj.18254532
- Hobsbawm, E. J. (1992). *Nations and nationalism since 1780: Programme, myth, reality*. Cambridge University Press.

- Kaplowitz, D. R. (2023). The Lessons of the Cuba Sanctions. Em *Anatomy of a Failed Embargo: U.S. Sanctions Against Cuba*. Lynne Rienner Publishers.
- Krull, C., & Stubbs, J. (2021). Decentering cubanidad. Commodification, cosmopolitanism and diasporic engagement shaping the Cuban migration to post-1989 Western Europe. Em *Rethinking Past and Present in Cuba* (pp. 167–189). University of London Press.
- Leiner, M. (2017). The 1961 National Cuban Literacy Campaign. Em R. F. Arnove & H. J. Graff (Eds.), *National Literacy Campaigns and Movements* (pp. 173–196). https://doi.org/10.4324/9781315125077-8
- López, I. H. (2018). *Impossible returns: Narratives of the Cuban diaspora*. University Press of Florida.
- Megías, A., & Moreno, C. (2024). Hidden nationalism: The nature and configuration of Spanish nationalism. *National Identities, 26*(4), 365–384. https://doi.org/10.1080/14608944.2024.2358534
- Méndez Rodenas, A. (2007). Identity and diaspora: Cuban culture at the crossroads. Em A. O'Reilly Herrera (Ed.), *Cuba: Idea of a nation displaced* (pp. 143-160). State University of New York Press.
- Merriman, P. (2009). Mobility. Em N. Thrift & R. Kitchin (Eds.), *International Encyclopedia of Human Geography* (pp. 134–143). Elsevier. https://doi.org/10.1016/b978-008044910-4.00300-x
- Pedraza, S. (2003). Cuba's refugees: Manifold migrations. Em I. L. Horowitz (Ed.), *Cuban communism: 1959–2003* (pp. 627-669).
- Retis, J. (2019). Homogenizing heterogeneity in transnational contexts: Latin American diasporas and the media in the global north. Em K. Georgiou & M. Rauf (Eds.), *The Handbook of Diasporas, Media, and Culture* (pp. 113-136). Wiley-Blackwell. https://doi.org/10.1002/9781119236771.ch8
- Rohlinger, D. A., & Sobieraj, S. (2022). *The Oxford Handbook of Digital Media Sociology*. Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780197510636.001.0001
- Safran, W. (1991). Diasporas in modern societies: Myths of homeland and return. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies, 1*(1), 83–99. https://doi.org/10.1353/dsp.1991.0004
- Salazar Navarro, S. (2017). Acercamiento al sistema de medios de comunicación en Cuba. *Estudios Latinoamericanos, 39*, 37-50. https://doi.org/10.22201/cela.24484946e.2017.39.58299
- Sindic, D. (2008). National identities: Are they declining? *The Social Psychological Review, 11*(2), 5–17.
- Smith, A. D. (1991). *National identity*. University of Nevada Press.

- Smith, A. D. (2007). *The cultural foundations of nations: Hierarchy, covenant, and republic*. Blackwell Publishing.
- Torres, F. (2014). On USAID, Cuba and ZunZuneo. *Brown Political Review*. https://www.proquest.com/scholarly-journals/on-usaid-cuba-zunzuneo/docview/3093150528/se-2
- Törnberg, P., & Uitermark, J. (2025). Digital platforms. Em P. Törnberg & J. Uitermark (Eds.) *Seeing Like a Platform* (pp. 104–121) Routledge. https://doi.org/10.4324/9781003326861-7
- Wodak, R., de Cillia, R., Reisigl, M., Liebhart, K., Hirsch, A., Mitten, R., & Unger, J. W. (2009). *The discursive construction of national identity*. Edinburgh University Press. http://www.jstor.org/stable/10.3366/j.ctt1r26kb

Anexos

Anexo A – Guião das Entrevistas (PT)

1. **Caracterização do entrevistado**

- Idade
- Género
- Grau de escolaridade
- Estado Civil
- Educação
- Situação de emprego/profissional
- Anos de estadia em Portugal

2. **Processo de mobilidade**

- Caracterização do momento biográfico em que se encontra aquando da saída de Cuba
- Motivações e expectativas em relação ao percurso de mobilidade
- Itinerário migratório
- A escolha de Portugal
- Experiências após a chegada a Portugal
- Inserção de Portugal num percurso de mobilidade mais amplo

3. **Relação com Cuba depois da saída do país**

- Relações familiares e amizades em Cuba
- Conservação da relação com o país
- Visitas e viagens a Cuba
- Possível retorno a Cuba
- Pertença ou distanciamento em relação ao país de origem

4. **Vida e relações sociais em Portugal**

- Relações familiares, afetivas, profissionais e amizades com nacionais (de Cuba) em Portugal
- Dinâmicas de interação nestas relações
- Relações familiares, afetivas, profissionais e amizades com portugueses e/ou outras pessoas oriundas de Portugal
- Diferenças entre relações em Cuba e relações em Portugal

5. **Usos dos media e relação com Cuba**

- Uso de ferramentas digitais para contactar familiares/amigos em Cuba
- Frequência e tipo de comunicação com familiares/amigos em Cuba
- Ideia sobre os desenvolvimentos políticos, económicos e sociais em Cuba

- Media utilizada para aceder a estes desenvolvimentos
- Narrativas sobre Cuba reproduzidas através destes media

6. <u>Comentários do entrevistado</u> (opcional)

Anexo A.1 - Guião das Entrevistas (ES)

1. <u>Caracterización del entrevistado</u>

- Edad
- Género
- Nivel de estudios
- Estado civil
- Educación
- Situación laboral/profesional
- Años de residencia en Portugal

2. <u>Proceso de movilidad</u>

- Caracterización del momento biográfico en el que se encontraba al salir de Cuba
- Motivaciones y expectativas en relación con el proceso de movilidad
- Itinerario migratorio
- La elección de Portugal
- Experiencias tras la llegada a Portugal
- Inserción de Portugal en un recorrido de movilidad más amplio

3. <u>Relación con Cuba después de la salida del país</u>

- Relaciones familiares y amistades en Cuba
- Mantenimiento de la relación con el país
- Visitas y viajes a Cuba
- Posible retorno a Cuba
- Pertenencia o distanciamiento respecto al país de origen

4. <u>Vida y relaciones sociales en Portugal</u>

- Relaciones familiares, afectivas, profesionales y amistades con nacionales (de Cuba) en Portugal
- Dinámicas de interacción en estas relaciones
- Relaciones familiares, afectivas, profesionales y amistades con portugueses y/o otras personas procedentes de Portugal
- Diferencias entre las relaciones en Cuba y las relaciones en Portugal

5. **<u>Uso de los medios y relación con Cuba</u>**

- Uso de herramientas digitales para contactar con familiares/amigos en Cuba
- Frecuencia y tipo de comunicación con familiares/amigos en Cuba
- Percepción sobre los desarrollos políticos, económicos y sociales en Cuba
- Medios utilizados para acceder a esta información
- Narrativas sobre Cuba reproducidas a través de estos medios

6. **<u>Comentarios del entrevistado (opcional)</u>**

Anexo B – Caracterização Sociodemográfica dos Participantes das Entrevistas

Entrevistado/a	Idade	Género	Estado civil	Educação	Situação profissional	Anos de residência em PT
1	20	M	Solteiro	Ensino secundário	Revisão de conteúdo *online*	19
2	18	F	Solteira	Ensino básico	Estudante: Ensino secundário	2
3	19	F	Solteira	Ensino secundário	Estudante: Ensino superior	8
4	53	M	Casado	Formação técnica	Especialista em desenvolvimento de *software*	22
5	28	M	Casado	Ensino superior: Licenciatura	Especialista em infraestruturas	1
6	27	M	Casado	Ensino superior: Licenciatura	Técnico em marketing e publicidade	2
7	47	M	Solteiro	Ensino superior: Licenciatura	Especialista em desenvolvimento de *software*	3
8	27	M	Solteiro	Ensino superior: Licenciatura	Atividade independente (por conta própria)	1
9	50	F	Solteira	Ensino superior: Licenciatura	Atendimento ao cliente (empresa com sucursal espanhola)	1
10	51	F	Casada	Ensino superior: Doutoramento	Especialista em desenvolvimento de *software*	20